

ISSONÂNCIA

MAIO DE 2026
EDIÇÃO Nº 9

PLÁ

O Profeta do Calçadão: A Moral Inabalável de Plá em seu Ato nº 77



YASSIR CHEDIAK

O Carioca que aprendeu a afinar no tom errado



CLAUDIO WALLACE

O Missionário do Rock para além do Norte

RAIO-X DO ÁLBUM

Dawn of Annihilation da banda Phantom Falcon Division



LEIA TAMBÉM

- Luanda Barreto: Guia para Jornalismo Musical - Dicas Essenciais para Navegar no Universo Sonoro
- Rogério Espósito: E se Anakin nunca tivesse virado Darth Vader?
- Anderson Schiavi: Tu tens?
- Val Porto: Onde o Tempo Não Alcança

RELEASES

Flores de Plástico Ɔ Tião Folk Ɔ TheLira Ɔ Shadow Walker
Paul Konrorz Ɔ SEMEA Ɔ Elvis Treze Ɔ Contestado Ɔ Luan Bacc
Marcus Caffé Ɔ Ellen Viana Ɔ Vivi Zanrosso Ɔ Dkukas

EDITORIAL – 9ª EDIÇÃO

Salve, Folks!

Nove edições. Vou deixar isso assentar um momento: nove edições de uma revista independente no Brasil. O que é, culturalmente falando, o equivalente a sobreviver à extinção, ao Spotify, à inflação dos preços de estúdio e àquele maldito algoritmo que decide mostrar o seu post de lançamento para exatamente onze pessoas, sendo seis delas seus próprios familiares que ainda não aprenderam a silenciar notificações.

A Dissonância chegou à 9ª edição. E chegou melhor do que esteve antes. Olhando para o caminho percorrido desde o início, a evolução é inegável: na diagramação que foi se afinando edição a edição, nos textos que foram encontrando um tom cada vez mais próprio, na curadoria que foi ficando cada vez mais cirúrgica. No começo, publicávamos com uma energia meio missionária, parece alguém que acabou de descobrir que existe música boa fora das recomendações do YouTube Music e precisa sair contando para todo mundo ao mesmo tempo e no volume máximo. Com o tempo, aprendemos o que os bons editores sabem desde sempre: menos, quando é certo, é sempre mais.

Hoje somos seletivos. Publicamos menos pautas, a diferença é que cada uma carrega mais peso, mais pesquisa, mais verdade. Publicamos textos com humor ácido, com piadas que eu hesito três vezes antes de aprovar, porque são difíceis, porque tocam em pontos sensíveis, porque colocam o dedo onde dói, tudo isso sem perder o respeito genuíno por quem criou. Vão porque são verdadeiras. O humor que praticamos aqui reconhece o absurdo de fazer arte independente no Brasil e ainda assim continua fazendo, junto com o artista, nunca às suas custas.

Tenho a ligeira arrogância necessária para dizer: não há, no mercado brasileiro, outra publicação independente que faça o que a Dissonância faz do jeito que a Dissonância faz. Somos diferentes por temperamento, por postura, por teimosia. Por uma paixão ao jornalismo cultural que, em alguns meses, beira o irracional.

Nosso lema permanece inegociável: "Cada Artista é Nosso Beatle Favorito". O artista sem gravadora, sem assessoria, sem acesso ao jabá que move as rodas da mídia convencional terá aqui o mesmo espaço, o mesmo cuidado editorial e a mesma seriedade de cobertura que qualquer nome grande teria. Seja em matéria biográfica, em entrevista exclusiva ou em release breve: ele será ouvido. Ele será mostrado ao mundo.

Contra todas as expectativas, inclusive as nossas em alguns momentos mais turbulentos, a 9ª edição está no ar.


Divirtam-se.

Tião Folk
Editor – Revista Dissonância

Entre em contato conosco e descubra como fazer parte do ecossistema Dissonância

contato@dissonancia.com

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas, entrar em contato com o Editor Responsável da Dissonância.

TIÃO FOLK

Email: tiaofolk@dissonancia.com

Tel / Whatsapp: (41)98783-9137

Instagram: @tiaofolk

www.tiaofolk.com

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

ENVIO DE MATERIAL:
contato@dissonancia.com
(21) 96736-6260

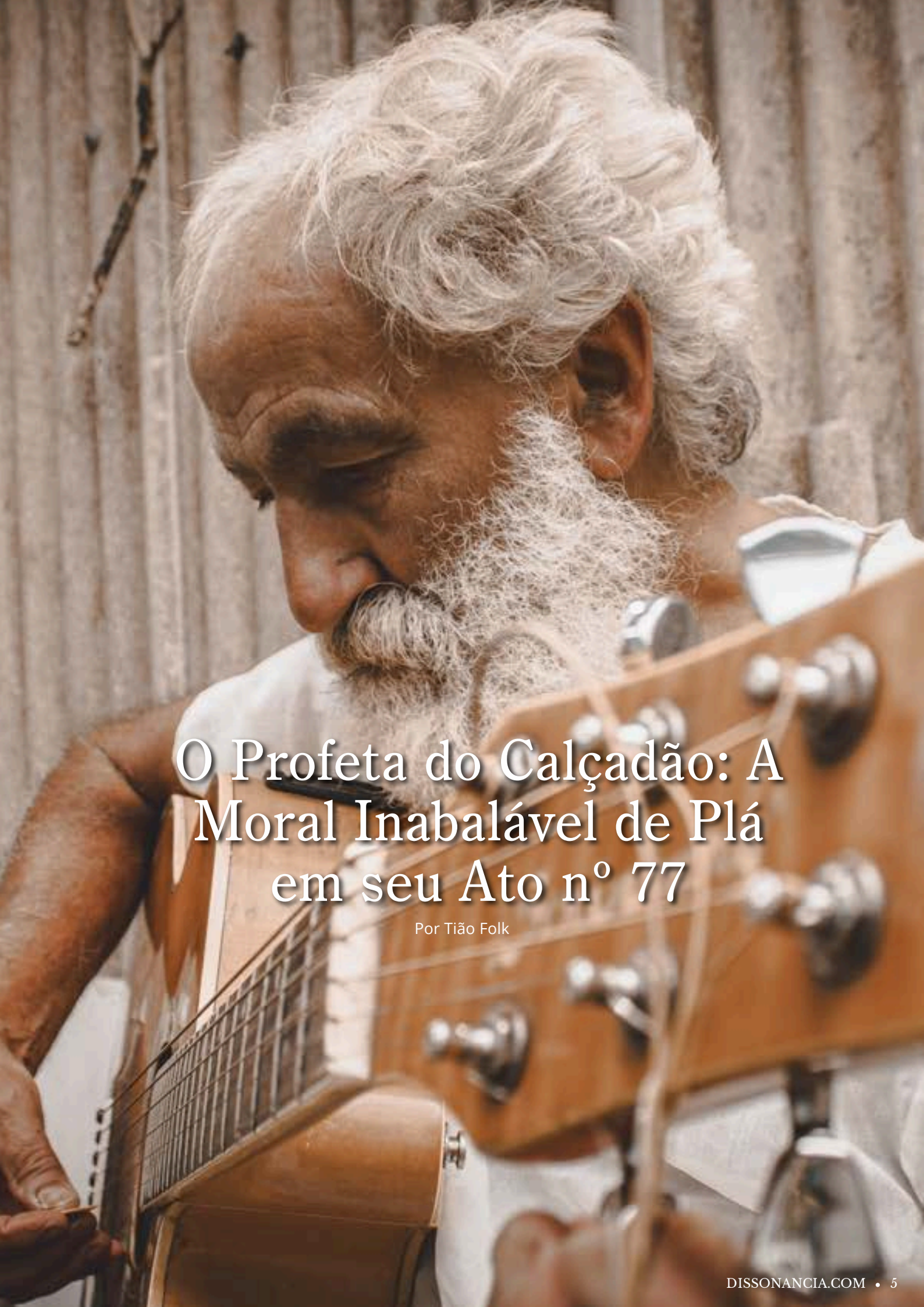
Divulgue na Dissonância

REVISTA
ISSONÂNCIA

**SUA MARCA
CHEGANDO
A MILHARES
DE LEITORES
NO BRASIL E
NO MUNDO**

ÍNDICE

- 05 - O Profeta do Calçadão: a moral inabalável de Plá em seu Ato nº 77
- 14 - Plá em Dissonância: entrevista exclusiva
- 17 - Página bio-discográfica: Plá
- 18 - Releases (Paul Konroz, Luan Bacc, Marcus Caffé e Phantom Falcon Division)
- 19 - Releases (Tião Folk, Claudio Wallace, Ellen Viana e Vivi Zanrosso)
- 20 - Yassir Chediak: o carioca que aprendeu a afinar no tom errado
- 25 - Yassir Chediak em Dissonância: entrevista exclusiva
- 29 - Página bio-discográfica: Yassir Chediak
- 30 - Star Wars: e se Anakin nunca tivesse virado Darth Vader?
- 31 - Raio-X do Álbum Dawn Of Annihilation da banda Phantom Falcon Division
- 35 - Página bio-discográfica: Phantom Falcon Division
- 36 - Tu Tens? - Um poema de Anderson Schiavi
- 37 - Guia para Jornalismo Musical: dicas essenciais para navegar no universo sonoro
- 38 - Releases (Dkukas, TheLira, Shadow Walker e Contestado)
- 39 - Releases (Tião Folk, SEMEA, Flores de Plástico e Elvis Treze)
- 40 - Claudio Wallace: o missionário do rock para além do Norte
- 43 - Claudio Wallace em Dissonância: entrevista exclusiva
- 47 - Página bio-discográfica: Claudio Wallace
- 48 - Onde o tempo não alcança: um conto de Val Porto



O Profeta do Calçadão: A Moral Inabalável de Plá em seu Ato nº 77

Por Tião Folk

Aos “900 anos” de idade, o músico Ademir Antunes dos Santos, o Plá, acaba de depositar mais um tijolo em sua imensa catedral discográfica: o álbum Pla Tons, seu 77º trabalho independente. Em uma Curitiba que muitas vezes se fecha em vidros fumês, Plá permanece como a fresta aberta, um artista importante não apenas pela longevidade, mas por representar a resistência de uma filosofia prática que sobrevive a golpes digitais, repressões fiscais e ao próprio tempo.

Para a 9ª Edição da Revista Dissonância, que tem a honra de estampar Plá em sua capa,

mergulhamos na trajetória desse ícone que, ao invés de esperar o povo nos teatros, levou sua arte para o asfalto, para a rua, o palco mais democrático de todos.

Quem passa pela Boca Maldita, para, escuta e leva um pedaço daquilo para casa. Não é lançamento de gravadora, não tem assessoria de imprensa, não tem playlist editorial. É só mais um tijolo na catedral particular que esse artista vem construindo ininterruptamente há quatro décadas. E agora, aos 70 anos, ele já está gravando os discos 78, 79 e 80. E você aí no seu sofá achando que independência é romantismo,

não é não, é teimosia mesmo.

Da boca de um Campo Belo para a Boca Maldita

Plá, nasceu em Campo Belo do Sul, uma cidadezinha no interior de Santa Catarina que, como o nome sugere, fica num cantinho que Deus fez e esqueceu de colocar no GPS. Foi lá, no meio da roça, do gado e das serenatas ao luar, que ele compôs sua primeira música, ainda piá, com versos sobre a natureza que hoje soariam como um hino ecológico na voz de qualquer ativista de plantão.

A lembrança é tão viva viva que ele cantou um trequinho da música, como eu sempre digo no meu programa na rádio, "ouve aí":

*"Olha natureza, enfim,
tão lindo luar cor de prata
branquejando pelos campos afora,
sinto saudades de uma serenata"*

[CLIQUE AQUI PARA OUVIR O PLÁ CANTANDO SUA PRIMEIRA COMPOSIÇÃO](#)



O catarinense de Campo Belo do Sul desembarcou em Curitiba em 1976 com violão na mão e cara de quem não ia voltar. Fez Licenciatura plena em Música na FAP, concluiu em 1982, experimentou um ano de Musicoterapia e chegou à conclusão lógica de qualquer um que pensa demais: os diplomas servem melhor guardados na gaveta.

Em 1984 largou o “**água com açúcar**” dos bancos escolares e foi para a rua. “**Guardei os diploma lá e daí comecei mostrar minha arte na rua.**” Ponto final.

MAIO DE 2026
EDIÇÃO Nº 9

DISSONÂNCIA

PLÁ

O Profeta do Calçadão: A Moral Inabalável de Plá em seu Ato nº 77

YASSIR CHEDIAK
O Carioca que aprendeu a afinar no tom errado

CLAUDIO WALLACE
O Missionário do Rock para além do Norte

RAIO-X DO ÁLBUM
Dawn of Annihilation da banda Phantom Falcon Division

LEIA TAMBÉM

- Luanda Barreto: Guia para Jornalismo Musical - Dicas Essenciais para Navegar no Universo Sonoro
- Rogério Espósito: E se Anakin nunca tivesse virado Darth Vader?
- Anderson Schiavi: Tu tens?
- Val Porto: Onde o Tempo Não Alcança

RELEASES

Flores de Plástico ↗ Tião Folk ↗ TheLira ↗ Shadow Walker
Paul Konrorz ↗ SEMEA ↗ Elvis Treze ↗ Contestado ↗ Luan Bacc
Marcus Caffé ↗ Ellen Viana ↗ Vivi Zanrosso ↗ Dkukas



"Guardei os diplomas que eu tinha ali, e peguei meu violão e fui para a rua. A rua proporciona liberdade para o artista — você fica ali observando as pessoas, interagindo com a realidade do dia a dia, se inspirando nos acontecimentos."

A Boca Maldita virou palco, escritório, estúdio e ponto de venda. A rua, segundo ele, é "o palco mais democrático que tem". Democrático porque não cobra ingresso, não tem camarim, não tem censor de repertório e, principalmente, porque o público não escolhe o artista, o artista escolhe o público, todo santo dia.

Em maio de 1987 ele arriscou o primeiro grande salto: três noites lotadas no Teatro Paiol. O show virou o disco "Raio de Sol", e esse, o primeiro registro oficial da carreira. E por falar em primeiro registro, catalogamos a foto original usada para a edição da capa.



Em maio de 1987 ele arriscou o primeiro grande salto: três noites lotadas no Teatro Paiol. O show virou o disco "Raio de Sol", e esse, o primeiro registro oficial da carreira. E por falar em primeiro registro, catalogamos a foto original usada para a edição da capa.

Sim, o artista de rua lotou o teatro.

E, ainda assim, voltou para a rua.

Esse detalhe é importante. Porque desmonta a narrativa confortável de que o palco institucional é o objetivo final. Para Plá, foi apenas um episódio.

E o que falar das capas, um espetáculo à parte, desde as iniciais até a mais recente. As capas iniciais eram pura gambiarra artesanal: fotos coladas com papel escrito à mão pelo próprio Plá. Nada de gráfica chique. Faça você mesmo antes de o termo virar moda *hipster*



Existiu um mítico "CD Zero", ainda mais raro que a Dissonância fez questão de catalogar, gravado antes do disco "Raio de Sol" (1987).



Desde então são 77 CDs independentes. Eu disse "**setenta e sete**", seu eu fosse colocar em números romanos, você provavelmente nem ia saber ler, LXXVII. A discografia completa que a Dissonância levantou inclui desde o tal CD Zero até Pla Tons. Veja uma minúscula amostra do universo de discos lançados pelo Plá. Na página bio-discográfica do artista você vai poder ver todos os álbuns lançados até o momento dessa reportagem.



O Spotify, claro, não dá conta, muita coisa nunca foi digitalizada ou foi lançada em tiragens pequenas demais para o algoritmo.



A capa do disco "Plá Tons" conseguiu reunir outras 49 capas numa só, tá certo que precisei ressuscitar minha lupa para poder enxergar todas as subcapas disponíveis nesse disco. Mas foi um exercício interessante porque o cuidado em organizar cronologicamente os lançamentos, desde o disco Zero até o 49º, nos coloca numa máquina do tempo na qual é possível ver a passagem dos anos pelo olhar de um artista tão longo.

Isso contrasta com os dias atuais em que qualquer músico com vinte minutos e uma IA gratuita consegue gerar uma capa deslumbrante, com cores que não existem na natureza, tipografias que flutuam no espaço e estética milimetricamente perfeita, na qual o grito de "nenhum ser humano tocou nisso", é ensurdecador.

As capas do Plá são um choque de realidade: imperfeitas, artesanais, às vezes tortas, mas sempre verdadeiras.

Sem dúvida, um marco considerável, 77 capas feitas artesanalmente. É óbvio que, à medida que os anos foram avançando, as capas foram ficando melhor editadas, mas nunca perderam a essência do artesanato.

As ilustrações mais recentes foram sendo feitas com ajuda de amigos próximos do nosso profeta, mesmo essas não deixaram de fora os elementos que tornam as capas tão singulares.



O mercado atual está inundado de obras visuais geradas por algoritmo: belas, técnicas e completamente ocas, como um manequim bem vestido numa vitrine fechada. As capas do Plá não são para impressionar, elas são sua identidade. Há uma diferença enorme entre as duas coisas, e essa diferença é justamente o que separa um artista de um produto.

O processo físico de produzir um CD hoje beira o arqueológico. Gravar dados em disco óptico

exige equipamentos que estão desaparecendo das prateleiras do mundo junto com as locadoras e as lan houses. Encontrar quem ainda faça isso em escala acessível é tarefa para os fortes. Mas há algo profundamente honesto em segurar nas mãos uma capa impressa, dobrada com cuidado, encaixada numa capa plástica transparente: o resultado do trabalho ali, palpável, cheirando a tinta de jato. Nenhuma playlist, nenhum *stream*, nenhum algoritmo de recomendação devolve essa sensação.

E como todo profeta que sobrevive, Plá se adaptou sem se trair. Hoje vende também pen drives, cada um carregando três ou quatro discos. Ele garante que os fãs adoram: é mais fácil ouvir nos aparelhos modernos, e de quebra ainda levam um *pendrive* de brinde. Típica solução de quem passou quarenta anos vendendo arte na calçada: pragmática, direta, sem perder a graça.





Trilogia das Bicicletas, Dividilismo (ou "As Alturas", dependendo de quem conta), álbuns temáticos, discos gravados ao vivo na rua, no estúdio improvisado, em festivais. Tudo pago do bolso, vendido na mão, sem intermediário. Se o mercado fonográfico brasileiro tivesse um espelho, ele quebraria de vergonha ao ver esse sujeito de roupa branca costurada por ele mesmo, com frases que o público escreve nos panos.

Os fiscais baixaram a bola. Esse episódio, narrado pelo próprio Plá com a calma de quem já viu o filme várias vezes, resume muito: ele nunca pediu permissão. Ele foi.

"No mesmo dia usei minhas redes sociais para denunciar a ação. Como sou bastante conhecido, recebi muito apoio e desde então nunca mais fui incomodado. Continuo aqui cantando e apresentando meu trabalho."



Lá na Boca Maldita, Plá chegava com seu gravadorzinho de pilha, uma fita cassete, e um livrinho datilografado por ele mesmo com as letras de dez ou doze músicas autorais, já cifradas. Ligava o gravador no chão, começava a cantar e anunciava para os passantes que estavam assistindo à gravação ao vivo de uma fita que, no final, ele venderia. Era o streaming analógico de 1984. O algoritmo era a voz e a audácia.

E essa não foi a última vez que precisou ir para o conflito para continuar cantando na rua, houveram várias outras. Em 2019, por exemplo, foi surpreendido por guardas municipais na Rua XV com a tal "lei do silêncio", decreto do então prefeito, Rafael Greca que, segundo os agentes, vetava até seu violão acústico. Plá usou as redes sociais para denunciar, recebeu apoio e continuou.

Pergaminhos criados com tecido em que as pessoas escrevem seus nomes

Houve inclusive um encontro inevitável com os guardiões da ordem. Fiscais chegaram, informaram que ele não podia vender nada na rua. A resposta de Plá foi colocar a fita na bolsa e declarar: "Cantar vocês não vão poder me impedir em lugar nenhum." A galera aplaudiu.



A estética do improviso, Plá e a filosofia no corpo

A conversa sobre Plá não está completa se não falar das roupas. Sempre brancas. Sempre costuradas por ele mesmo. E sempre cobertas de frases que o público escreve com caneta de tecido, aquelas permanente, que não saem quando lava. Plá leva um pano para a rua, as pessoas escrevem, ele costura. O figurino vira pergaminho vivo da voz das calçadas, o corpo uma galeria ambulante.



Em junho de 2015 esteve presente na inauguração da ciclovia da Avenida Paulista e convocou os presentes a ingressarem nesse movimento pró vida, através do ciclismo.



“Se a filosofia não for prática, ela não tem a sua razão de ser.”

“Eu mesmo que costurei as minhas roupas há muito tempo. A minha calça, a camisa tudo. Fico usando o pano que a galera escreve ali. Fica uma roupa assim mais interessante.”

É uma escolha estética, mas também é uma extensão da ideia de **“dividilismo”**, conceito recorrente na sua fala: compartilhar criação, dissolver autoria individual, transformar arte em troca. Aliás, ele vive o que canta. Além de costurar as próprias calças e camisas, anda de bicicleta todos os dias e transformou a magrela em militância sonora.

“A bicicleta, pra mim, é uma extensão de mim mesmo. Sem a bicicleta eu não poderia fazer de modo algum o que eu faço em Curitiba”

Pode soar utópico. Às vezes soa mesmo. Mas ele está há quatro décadas fazendo isso na prática. E prática, para ele, não é opcional.

Desde 2004, quando entrou na Bicicletada na Reitoria da UFPR, pedala mais de 20 quilômetros todo os dias na sua "Ventosa", nome de batismo de uma das bikes. Participou de diversos eventos envolvendo o tema bicicleta.



Foto: Cláudia Carneiro



É claro que não poderiam faltar músicas sobre bicicleta. Ele compôs hinos que viraram trilha sonora do cicloativismo nacional: **"Invasão das Bicicletas"** e, principalmente, **"Para andar de bicicleta tem que ter moral"**.

A frase nasceu de uma conversa prática, como tudo na obra dele: um amigo, dono de uma bicicletaria, foi ridicularizado por pedalar até o trabalho no próprio bairro. Os "amigos" perguntaram **"Ô, César, que houve? Tá sem dinheiro para comprar gasolina?"**. Plá ouviu, processou e transformou em arte: **"Para andar de bicicleta tem que ter moral"**. A moral, explica ele, é **"postura, firmeza naquilo que ela é, naquilo que ela mostra, convicção do que tá fazendo"**. Em uma cidade onde o carro ainda é tratado como extensão fálica do ego, pedalar é um ato político. E Plá é seu ministro da propaganda.

"A moral é a questão de postura que a pessoa tem — uma firmeza naquilo que ela é, naquilo que ela mostra. Convicção do que está fazendo."



Foto: Cláudia Carneiro

A ironia curitibana



Ele próprio precisou dessa moral várias vezes. Em 2018, a Câmara Municipal de Curitiba, por unanimidade, concedeu a Plá o título de Cidadão Honorário. Vereadores discursaram emocionados. Plá foi chamado ao plenário. Desensacou o violão e tocou. Evidentemente. **"Violeiro que é violeiro, que carrega o violão, tem que tocar."**



Plá lançando vaquinha online pelo catarse

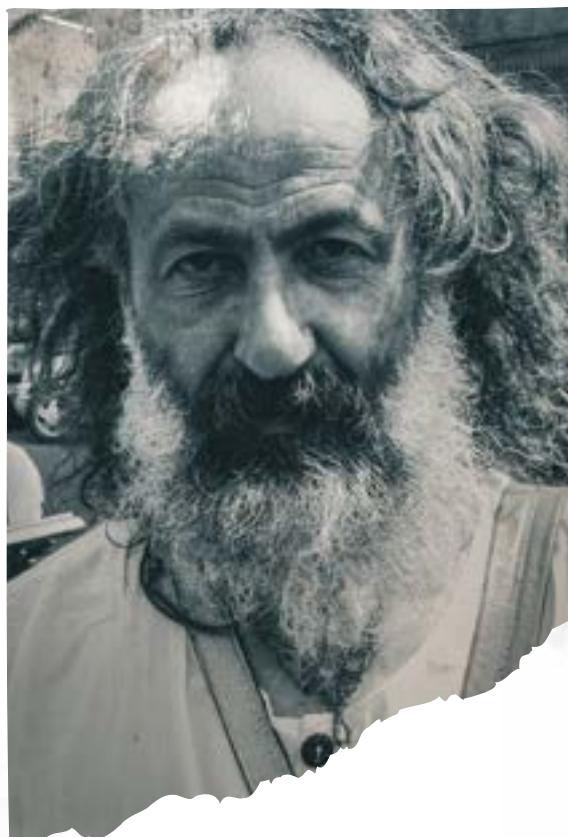
Reconhecimento bonito, mas que não paga aluguel. Em 2023 fez vaquinha para cobrir contas pós-pandemia. Em novembro de 2025 caiu num golpe de WhatsApp e perdeu R\$ 2,7 mil que eram para o aluguel. **"A gente luta no dia a dia para equilibrar as contas e pagar o aluguel, chega uma pessoa como essa e leva tudo."** Nenhuma queixa dramática, nenhuma vitimização. Apenas o registro frio, porque ele sabe que a rua dá e a rua cobra.

Na entrevista exclusiva para a Dissonância, Plá foi direto: a rua enriquece porque é espaço aberto, diversidade pura.

"Tem tudo que é tipo de pessoas, de ideologias diferentes, modos de visão diferente, gente grande, pequena, rica, pobre... é bem mais interessante a rua."



Ele não está interessado em quantidade de público. **"Tô interessado em viver aquilo que eu estou fazendo."** Quem para, ouve, entende o recado filosófico que está no autoconhecimento, na liberdade, no desprendimento, na **"alimentação espiritual"** contra a solidão dos elevadores e contra a informação virtual que não sabe o que acontece no quintal. Quem topa com o Plá na rua, leva o disco, leva a ideia, leva a reflexão.



A voz do artista (sem filtro)

Em nossa conversa para esta edição, Plá nos presenteou com algo raro: uma música inédita, composta em parceria com um amigo. Ouvimos antes do mundo. Ela entrará nos próximos discos vindouros, seja no 78, 79, seja no 80, ainda está indefinido. Aqui, a Dissonância publica a letra antes de qualquer lançamento formal. O vídeo exclusivo da música está no Portal Dissonância:

*Vão querer te derrubar,
Mas você não vai cair,
Pois quem nasce para vencer
Aprende sempre a resistir.*

*Vão querer te atrapalhar,
Mas você continua aí.
Tua força é maior
Que qualquer vento contra ti.*

*Vão querer te derrubar,
Mas você não vai cair.
Os baques da vida só
Te ensinam a evoluir.*

*Vão querer te ofuscar.
Mas você vai persistir.
Quem carrega fé no peito
Sempre encontra por onde ir.*

*Vão querer te caluniar.
Você vai se sobressair.
Quando é Deus que te sustenta,
O inimigo vai fugir,
o inimigo vai sumir.*

Entre o folclore e a realidade

Curitiba transformou Plá em figura lendária. E toda cidade gosta de ter seus personagens. O risco disso é transformar o artista em curiosidade.

- O cara da bicicleta.
- O senhor do violão.
- O "folclore urbano".



Foto: Augenblick

Só que, quando você olha com mais atenção, percebe que tem algo menos confortável ali: um sujeito que recusou praticamente todos os caminhos convencionais e, ainda assim, construiu uma obra que poucos conseguem acompanhar.

- 77 discos.
- Sem gravadora.
- Sem estratégia de marketing.
- Sem algoritmo.
- Só insistência.



Foto: João Saplak

O que Plá representa no cenário independente brasileiro em 2026 é a resposta para uma pergunta que poucos se atrevem a fazer: e se o artista simplesmente recusasse o jogo? E se, em vez de buscar o spot na playlist editorial, ele gravasse 77 álbuns, colasse as capas com próprias mãos, vendesse na calçada, costurasse a própria roupa, pedalasse 20 km por dia e ainda assim encontrasse sentido?

"A vida do artista, o resultado dela é a arte que o artista materializa. Então, essa arte materializada é um legado que vai ficar para que outras pessoas também possam desenvolver, se inspirar e se nortear."



O documentário de GG Valentino e Rodolfo de Moraes, realizado entre 2018 e 2019, já registrou parte desse legado. Mas o legado verdadeiro não está na Cinemateca; está na memória muscular de quem já parou na XV para ouvir uma canção e saiu de lá com um CD e uma pergunta a mais na cabeça.

Plá é capa da 9ª Edição da Dissonância não porque é um músico simpático e longevo, há muitos assim. Plá é capa porque em Curitiba, toda vez que alguém passa pela Boca Maldita e ouve um acorde no ar, para um segundo, olha e reconhece. Isso não se compra, não se fabrica, não se projeta em reunião de marketing. Isso se constrói calçada por calçada, disco por disco, pedaço por pedaço.



Foto: Gazeta do Povo

Quando perguntei a Plá de onde vem o otimismo para continuar compondo diariamente, ele falou de "**estar no alto da montanha**", uma metáfora de frequência, de conexão com o universo, com o divino, com a natureza. Uma resposta que a maioria dos artistas daria depois de uma crise de ego seguida de retiro espiritual. Plá diz isso com naturalidade, porque ele vive na prática a paz de espírito que prega. Por isso, continuar compondo, é uma simples extensão da sua vida.

LEIA ESTA MATÉRIA NO PORTAL
DISSONÂNCIA



[CLIQUE AQUI](#)



Plá em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

Plá está longe de ser um artista de vitrine, surgiu da insistência. Nome que atravessa Curitiba com violão na mão e história nas costas, ele construiu uma presença que não depende de palco nem de algoritmo. Sua música carrega o peso das ruas, o improviso das esquinas e uma relação direta com quem para pra ouvir. Na entrevista conduzida por Tião Folk para a Revista Dissonância, o artista abre o jogo sobre trajetória, escolhas e o que significa existir artisticamente fora do circuito que dita tendência, mas raramente sustenta verdade.

Dissonância: Plá, você se formou em Licenciatura em Música e chegou a cursar Musicoterapia na FAP, mas decidiu "guardar o diploma na gaveta" para tocar nas ruas em 1984. O que o palco da rua oferece para a sua expressão artística que o ambiente da faculdade ou os teatros convencionais não conseguem suprir?

Plá: Na verdade, eu fiz licenciatura plena em música na FAP, foi quatro anos, e não tava contente ainda. Daí eu fiz mais um ano de musicoterapia na mesma faculdade. Aí eu percebi que era muito tempo para ficar ali nos bancos da escola. Guardei mesmo os diplomas que eu tinha ali, e peguei meu violão e fui para a rua. Cantar e compor a minha música, fazer a minha música, ali na já tinha um bom número já de composições, minhas próprias, né? A rua, ela é diferente do palco convencional, ou mesmo da faculdade, em virtude de que é um espaço aberto, que proporciona liberdade para o artista. Você fica ali observando as pessoas, interagindo com a realidade do seu dia a dia ali, se inspirando nos acontecimentos. Então é uma coisa que enriquece muito a gente. Pelo menos pra mim, é isso aí, por isso que eu sempre falo que a rua é o melhor palco, realmente é, e a diversidade de pessoas, né? Porque ali tem tudo que é tipo de pessoas, de ideologias diferentes, modos de visão diferente, gente grande, pequena, rica, pobre, etc. Negro, preto, branco, tudo, amarelo, etc. Então, é bem mais interessante a rua.

Dissonância: Você afirma que a rua é o "palco mais democrático que tem". Após mais de 35 anos de carreira, você percebe a evolução do público curitibano? E como a recepção da sua arte por quem passa pelo centro?

Plá: Bom, a rua, sim, é um palco aberto, como sempre digo, e a questão da evolução do público, Curitiba, eu não tô muito interessado nessa questão, porque sempre minha música é uma pequena parte das pessoas que transitam pela rua e caminham ali pelas pela XV, consegue assimilar o

conteúdo, ou se interessar, prestar atenção, porque é uma música que procura falar da realidade, da filosofia, um conteúdo que leva a pessoa a uma reflexão ampla da vida, do rumo que deveríamos ter, e o que eu tô trilhando, pelo menos o que eu canto, mas o rumo que estou trilhando. E aí que é um rumo à liberdade, rumo do autoconhecimento, da realidade, de si mesmo. Por isso que ela tem um conteúdo filosófico. Então, é uma pequena parte das pessoas que realmente se interessam, mas não tô interessado em quantidade de pessoas, tô interessado em viver aquilo que eu estou fazendo, e a pessoa que assimilar o conteúdo, ela vai ficar contente, e sempre essa parte aí que curte, sempre leva ali um CD, leva um livro, leva uma ideia, leva uma poesia, leva uma reflexão, é isso.

Dissonância: Suas roupas brancas customizadas com frases e seus pergaminhos são marcas registradas. Como você define sua "ideologia libertária" e o conceito de "alimentação espiritual" que você busca transmitir através das suas letras?

Plá: Bom, eu costumo ter roupa branca, que eu gosto muito de roupa assim clara, sempre gostei, né? E daí a ideia das escritas, foi que dei, ter tido a ideia de colocar uns panos para as pessoas escrever na rua, e daí eu geralmente eu levo uma canetinha que é dessa própria para tecido, que não sai quando lava. E então eu mesmo que costuro as minhas roupas, desde, há muito tempo, então a minha calça, a camisa, o que eu sempre faço. E daí eu tenho usado sempre o pano que a galera escreve ali. Então fica uma roupa assim mais interessante. Mas que é uma coisa artística, mostrar ali, aquilo que você está vivendo naquele dia, já reutilizando aquele material que você levou ali. E daí a questão, como eu falei antes, da filosofia de vida que busca um discernimento, um autoconhecimento e uma evolução, uma compreensão espiritual, porque o principal da nossa vida é no espírito, né? E aí esse

autoconhecimento, quando a pessoa vai atingindo isso, ela vai definindo também o seu rumo espiritual, que é o caminhar para uma verdadeira libertação de transcendência. E, é isso aí.

Dissonância: A bicicleta não é apenas seu transporte, mas uma "extensão de si mesmo". Como o cicloativismo se fundiu à sua música, resultando em hinos como "Invasão das Bicicletas" e "Tem que ter Moral"? E qual é a sua visão sobre a mobilidade urbana em Curitiba hoje?

Plá: Bom, a bicicleta começou, eu sempre andei de bike, desde há muito tempo. Eu lembro que as bicicletadas em Curitiba começou em 2003, 2004 ali, com o pessoal que se reunia no pátio da reitoria. Até o Goura que me convidou uma vez para participar da bicicletada, foi, se eu não me engano, foi em 2004. Tava no início ainda desse movimento das bicicletas na rua. E daí, eu já tinha, na verdade já andava, já desde antes, de muito antes, andava sempre de bike por todo o lado, daí eu pensei, 'poxa, que bacana, né, mais gente a aderir da bicicleta, que é um negócio que não polui, a pessoa faz exercício, se movimenta'. Porque carro tem demais já na cidade, cada vez pior, cada vez mais, e além do congestionamento, a poluição etc. Aí fiquei contente. Daí, ali comecei a me inteirar mais com o pessoal dos movimentos de bicicletas. E daí, me inspirei até em "Invasão das Bicicletas", é uma música que eu compus, inspirado justamente na bicicletada que eu fui lá no começo em 2004, ali na pátio da reitoria. Aí a galera curtiu, já logo virou um hino das bicicletas. Daí comecei a participar também dos movimentos de bicicletas em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre. Então, eu compus três CDs que o tema é exclusivo sobre as bicicletas. Todas as faixas da do CD falam sobre a bike, valorizando a questão da bicicleta que a pessoa possa pedalar, andar e se conscientizar que é um meio de transporte muito bom e também de passeio, de terapia, de relax, exercícios para uma saúde melhor, etc. Então é isso.

Dissonância: No filme, você explica que a expressão "Tem que ter moral" surgiu ao observar que seus amigos já não conseguiam andar de bicicleta em seus próprios bairros devido ao domínio dos automóveis. Como você define essa "moral" que o ciclista e o artista precisam ter para retomar o espaço que lhes pertence na cidade?

Plá: Essa moral que tu pergunta ali, eu acho que é a questão de postura, digamos assim, que a pessoa tem, que ela tem ali, uma firmeza naquilo que ela é, naquilo que ela mostra, sabe? E convicção do que tá fazendo. E essa questão do bairro, justamente um amigo meu que contou que ele tava vindo de bicicleta para trabalhar, ele tem uma bicicletaria aqui perto da minha casa, eu moro aqui perto do Barreirinha, o César Sicles Lago, daí que ele comentou pra mim, que ele tava vindo de bicicleta pra trabalhar na bicicletaria dele, ele mora aqui no bairro, não é tão longe onde ele mora, de onde ele mora até a bicicletaria dele. Aí os amigos dele falaram assim: "Ô, César, o que que houve? Tá sem dinheiro pra comprar gasolina? Agora está andando de bicicleta". Olha, já pensou? Eu acho que a inconsciência é muito grande, das pessoas, eles acham que o carro é que é importante. Daí, devido a essa conversa que o César falou pra mim, ele falou: "Pô, realmente em Curitiba o pessoal é muito terrível, né? Pra andar de bicicleta aqui, realmente a pessoa tem que ter moral". Eu falei: "Poxa, mas é bem isso, né?" Daí essa foi o começo que me inspirou a compor essa música. "Pra andar de bicicleta tem que ter moral, tem que ter moral" e a música pegou de cara, e tá viva aí, sempre.

Dissonância: Você costuma dizer que é preciso "manter-se no alto da sua montanha". De onde vem o otimismo para continuar compondo diariamente, mesmo após percalços financeiros e desafios da vida independente?

Plá: *É, exatamente. Estar no alto da sua montanha é você tá ali numa frequência alta. É isso que eu quis dizer nisso, e que eu procuro vivenciar no meu dia a dia. Então, essa frequência alta, você tá em conexão ali com o todo, com o universo, e com o próprio Deus, que é o próprio universo, que é tudo. Esse aí é o principal pra que você tenha força de ser algo que move a vida e que faz acontecer as coisas. E nós estamos aqui pra um desenvolvimento das tarefas que nos propomos a fazer. Então, esse "estar no alto", no alto da montanha, é isso, é a conexão com o todo, conexão com o divino e com a natureza e com tudo e você fazer bem aquilo que você faz a cada momento.*

Dissonância: Sua vida virou documentário com o filme "Plá Rock'n Roll". Como foi se ver na tela da Cinemateca e qual mensagem você espera deixar para as futuras gerações de artistas de rua de Curitiba?

Plá: *Foi uma alegria para mim, lógico, ver passar aquele documentário, ou um filme, né? Que um amigo meu fez, o GG, esse aí é o resultado de uma própria transformação. A ideia foi dele, falou assim: "vou acompanhar você durante um ano da tua trajetória, do que você vai desenvolver durante esse período". E daí ele me acompanhou tudo aqui em Curitiba, fora daqui, nos festivais que eu participei fora também de Curitiba. E acabou dando um resultado excelente. É uma alegria, porque é um fruto natural de mim que fluiu e que tá ali registrado para que outras pessoas se inspirem também e façam as suas próprias caminhadas, suas experiências. Então, a mensagem que eu quero deixar é que a vida do artista, o resultado dela é a arte que o artista materializa. Então, essa arte materializada é um legado que vai ficar para que outras pessoas também possam desenvolver, se inspirar e se nortear também nos rumos que elas sentem que deve ser, e é isso aí. É um aprendizado, a arte é aquilo lá. É uma experiência viva que está acontecendo e que, que fica a marquinha, né? É isso.*

Dissonância: Você afirma que "se a filosofia não for prática, ela não tem razão de ser" e que, se você canta algo, é porque está vivendo aquilo. Como você mantém essa coerência entre suas letras e sua rotina diária?

Plá: *Então, é isso aí que eu falo, se a pessoa não pratica a filosofia, não tem sentido ela existir, lógico. A gente tem que ser coerente com aquilo que a gente apregoa. E o fato de, como você falou ali, "como se manter essa coerência", é você ser autêntico em todos os momentos da tua vida. Ser coerente com o que está desenvolvendo. E ali, o que você está criando é um referencial que fortalece justamente essa continuidade da caminhada. E também não tem muita rotina, porque meu dia é tudo diferente, cada um dia é diferente do outro.*

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA



[CLIQUE AQUI](#)

Divulgue na Dissonância

REVISTA
DISSONÂNCIA

**SUA MARCA
CHEGANDO
A MILHARES
DE LEITORES
NO BRASIL E
NO MUNDO**

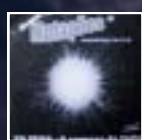
PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

PLÁ

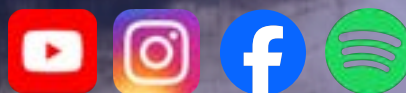
Ademir Antunes dos Santos, conhecido como Plá, nasceu em Campo Belo do Sul, Santa Catarina, e chegou a Curitiba em 1976, onde construiu uma trajetória singular na música independente. Formado em Licenciatura em Música pela FAP e com passagem pela Musicoterapia, tomou uma decisão incomum em 1984: deixou o caminho acadêmico para levar sua obra diretamente às ruas. Desde então, fez do centro da capital paranaense, especialmente a Boca Maldita e a Rua XV de Novembro, seu principal palco.

Com violão e voz, Plá desenvolveu um repertório autoral marcado por reflexões filosóficas, críticas sociais e uma defesa constante da liberdade individual. Sua produção musical é vasta e fora dos padrões da indústria: são 77 discos lançados de forma independente, incluindo o álbum mais recente, Pla Tons. Paralelamente, mantém registros raros como o chamado "CD Zero", anterior ao primeiro lançamento oficial, Raio de Sol (1987), gravado ao vivo no Teatro Paiol.

Figura constante nas ruas de Curitiba há quatro décadas, Plá construiu uma obra baseada no contato direto com o público, sem intermediações. Sua escolha pela rua não é uma circunstância ocasional, é uma escolha estrutural: é ali que sua música se forma, circula e permanece.



REDES SOCIAIS



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DO PLÁ NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)



Paul Konrorz - The Return of Tech Sound

O músico, produtor e poeta Paul Konrorz apresenta "The Return of Tech Sound", mais recente single do Black Beauty Project, projeto de música eletrônica experimental ativo desde 2019. A faixa integra a trajetória de um artista que constrói sua obra à margem dos modismos, transitando entre eletrônica densa, industrial e paisagens sonoras minimalistas.

Com mais de quatro décadas de experiência musical e formação autodidata desenvolvida fora dos grandes centros, Konrorz conduz o Black Beauty Project como uma experiência conceitual: som tratado como linguagem simbólica, onde ruídos, silêncios e estruturas hipnóticas provocam introspecção e deslocamento.

Natural de Parnaíba (PI), o artista reafirma com este lançamento sua independência estética e recusa de soluções fáceis.

[Link](#)



Luan Bacc - Quanto Tempo

Depois de circular apenas entre os que adquiriram os drops oficiais do projeto JEAS, a faixa "Quanto Tempo" de Luan Bacc chega agora às plataformas digitais. O lançamento marca a abertura de um dos momentos mais reservados do álbum Já Era Antes de Ser (2024) para o público amplo e traz consigo toda a carga conceitual do projeto.

O disco parece simples, à princípio, mas traz uma construção sonora complexa que vai de jazz e rap, passando por música experimental, "Quanto Tempo" é uma das composições mais contemplativas do disco.

Nascido em São Paulo e criado em Praia Grande, Luan Bacc é compositor, produtor, diretor criativo e membro votante da Academia Latina de Gravação. Sua trajetória é definida pela autonomia: da produção à curadoria, do palco aos bastidores, da música à moda.

A liberação de "Quanto Tempo" para o streaming é mais um capítulo de um projeto que nunca parou de se expandir.

[Link](#)



Luan Bacc - Quanto Tempo

O cantor cearense Marcus Caffé lançou em 2021 o single "Parque Araxá", composição de Rui Vasconcelos, reafirmando seu lugar entre os grandes intérpretes da música brasileira de conteúdo.

Com mais de 30 anos de carreira e formação técnica aprofundada, Marcus Caffé é reconhecido pelo timbre de tenor dramático, pela agilidade vocal e pela presença cênica que conduz o ouvinte a percepções sutis sobre as obras que interpreta. Autor de três discos solo, entre eles o aclamado Matiz (1996), com coprodução de Belchior, transita com naturalidade pelo universo dos sambas, baiões, cocos e maracatus.

Em "Parque Araxá", Marcus Caffé entrega uma interpretação que equilibra memória afetiva e musicalidade sofisticada.

[Link](#)



Phantom Falcon Division - Dawn of Annihilation

Formada por Emir Von Andre (vocal e guitarra), Max Fiedelstein (guitarra), Panzerick (baixo), Dhan (sintetizador) e Ed (bateria), a banda surgiu em 2024 a partir da parceria entre Emir e Max, unidos pelo thrash e pelo metal melódico. O interesse dos dois pela Segunda Guerra rapidamente transbordou para as letras, definindo a identidade do grupo.

"É o maior e mais importante conflito bélico da era moderna e precursor direto do mundo em que vivemos até hoje", explica Emir Von Andre.

Gravado no Estúdio Beco, em Curitiba, com produção de Miguel Melo, o EP chega após uma série de seis singles lançados ao longo de 2025; entre eles Allied Forces, Luftwaffe Assault e The Desert Fox (Wüstenfuchs); consolidando uma trajetória intensa em seu primeiro ano de existência.

[Link](#)

RELEASES



Tião Folk - O Ás Amaldiçoado

Tião Folk lança "O Ás Amaldiçoado", o primeiro single do álbum Canções de Água e Terra, projeto de estreia do compositor, cantor, radialista e cineasta.

A faixa apresenta Zé, um homem marcado para sempre por um disparo acidental na infância, durante uma partida de truco com o irmão. O Ás de Espadas manchado de sangue tornou-se seu segredo mais pesado, guardado dobrado no chapéu, escondido da mulher que amou, carregado por décadas de mesas de jogo e doses de cachaça. Uma vida inteira construída sobre uma fuga que nunca foi longe o suficiente.

Com arranjos potentes e letra cinematográfica, a canção é puro folk rock narrativo de tradição oral, onde cada estrofe é um avanço dramático e cada refrão funciona como uma sentença. O resultado é uma faixa que começa como história e termina como espelho.

[Link](#) 



Claudio Wallace - Onze Janelas

O cantor e compositor paraense Claudio Wallace apresenta ao público seu mais novo single, "Onze Janelas", lançado em 5 de dezembro de 2025 em todas as plataformas digitais. A canção foi composta em parceria com Dênis Rodrigues, poeta, compositor e mentor do grupo de carimbó Toró-Açu, e nasce de um encontro artístico marcado pela escuta, pelo afeto e pela força da cultura amazônica.

Com uma batida pop rock moderna e produção a cargo do Estúdio Fleyva, com Gustavo Fleyva e Nataniel Safir, "Onze Janelas" traz uma história de amor em versos que falam de perdas e recomeços, com um resultado sonoro ao mesmo tempo leve e envolvente.

Ouçá em todas as plataformas digitais. Assista ao documentário no canal oficial do YouTube de Claudio Wallace.

[Link](#) 



Ellen Viana - Tatame

Ellen Viana chega às plataformas digitais com "Tatame", single de pagode que nasce de uma história real e se transforma em narrativa universal sobre relações desequilibradas e reconstrução feminina.

Na faixa, o ambiente do judô se converte em metáfora central: o tatame deixa de ser espaço físico para representar as batalhas emocionais travadas quando se ama sozinha. Com precisão lírica, Ellen confronta a figura do homem narcisista e constrói uma personagem que encontra na queda não a derrota, mas a consciência, o instante em que insistir deixa de fazer sentido.

Equilibrando lirismo e acessibilidade, "Tatame" posiciona Ellen Vianna como voz consistente da nova cena autoral brasileira, capaz de transformar vulnerabilidade em força e vivência íntima em canção que ressoa além do pessoal.

[Link](#) 



Vivi Zanrosso - On Track


A cantora e compositora Vivi Zanrosso volta a agitar a cena rock no Brasil com o lançamento do EP "ON TRACK", no último dia 20 de março. O projeto marca mais um passo em sua trajetória, evidenciando sua evolução e amadurecimento artístico.

O trabalho reúne cinco faixas que refletem sua identidade musical e consolidam um momento de crescimento e confiança. O EP também representa a continuidade da artista dentro do rock, reforçando sua sonoridade e estilo.

Entre os destaques está a faixa inédita "And If", que apresenta uma atmosfera emocional ao explorar sentimentos ligados às escolhas e às relações. Outro ponto forte é "Hurricane", single lançado em novembro do ano passado, acompanhado por um videoclipe que reforçou sua presença no cenário musical.

[Link](#) 

RELEASES



Yassir Chediak:
O Carioca que
Aprendeu
a Afinar
no Tom
Errado

Por Jorge Murilo

Tem coisa mais improvável do que um menino criado em Ipanema, entre o asfalto molhado de chuva de verão, o cheiro de coco queimado da orla e o som de bossanova vazando pelas janelas dos apartamentos, se tornar uma das maiores referências nacionais da viola caipira? Tem não. E é exatamente por isso que trouxemos Yassir Chediak aqui nesta nona edição da Dissonância: para nos lembrar que a música brasileira não precisa (nem pede) passaporte, não exige registro de nascimento rural e não obedece à lógica do senso comum.

No dia 4 de abril de 2026, a Serra da Mantiqueira acendeu velas e afinou dez cordas em Campos do Jordão. Yassir Chediak subiu ao palco do Campos Hall com o espetáculo Luz & Viola – Roda de Viola e fez o que sempre faz: levou a viola caipira para outros terrenos, porque ela não precisa de terreno de barro para soar verdadeira.

O carioca de Ipanema, criado entre Nelson Rodrigues e Radamés Gnattali, continua sendo o sujeito mais incômodo do pedaço, aquele



que pega um instrumento “do interior” e o enfia no samba, no forró, no blues e até no silêncio da Cantareira. E o pior: o público adora.

O carioca que deu errado (ou será que deu certo?)



Yassir nasceu em Ipanema. Isso mesmo: praia, concreto, gente correndo atrás de coisa que não sabe o que é. Não é exatamente o berço clássico de um violeiro. Filho de Braz Chediak, cineasta, e de uma documentarista, ele cresceu pisando em tapetes onde Tom Jobim, Gal Costa, Bethânia e Chico Buarque deixavam cinza de cigarro. Mas aí entra aquela frase que ele mesmo solta, com aquela cara de quem sabe o que tá fazendo:

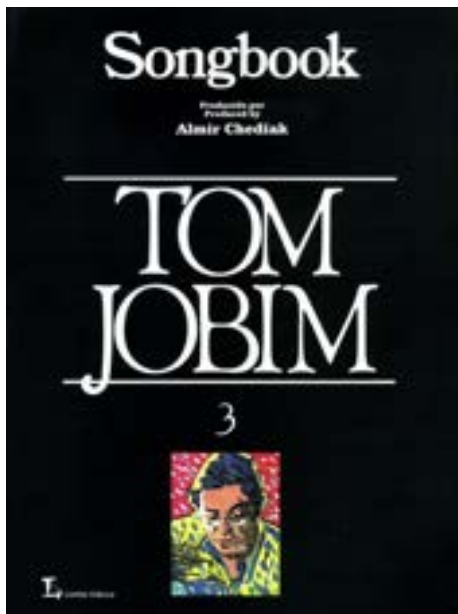
“Eu tocava o instrumento errado no lugar errado na hora certa.”



Errado pra quem, né?

Porque foi justamente essa inadequação que virou vantagem. A galera tentando encaixar a viola num molde rural de cartão-postal, Yassir fez o contrário: tirou o instrumento do cercadinho e soltou no mundo.

Mas não foi do nada. Teve base. Aos 10 anos já estava estudando violão com o tio, Almir Chediak, o mesmo Almir dos Songbooks, aquela série de livros que praticamente ensinou harmonia MPB para duas gerações de músicos brasileiros (um gênio).



E não era qualquer aula, não, era harmonia de MPB, daquelas que dão calos nos dedos. Foi com ele que Yassir teve as primeiras lições.

E, de fato, não dá para falar de Yassir sem parar um instante diante do tio Almir Chediak, o homem que praticamente codificou a harmonia da MPB em livro. Criador dos célebres Songbooks, Almir transformou as cifras e arranjos de Chico Buarque, Tom Jobim, Caetano Veloso e outros gigantes em material didático acessível, ensinando violão para gerações inteiras de brasileiros que nem sabiam que precisavam aprender. Foi ele quem deu as primeiras aulas ao sobrinho, não de violão erudito, mas de MPB, que para Almir era uma língua própria, com gramática e sotaque definidos. Uma herança que Yassir carrega até hoje, mesmo tendo escolhido, com toda a consciência, o instrumento mais improvável que um herdeiro dos Songbooks poderia tocar. Isso porque o garoto era teimoso como viola de metal num show de bossa nova, queria mais: queria solar. Queria o dedo na corda, o som ponteado, o diálogo nota a nota.

Seguiu pelo violão erudito, passou pelas mãos dos professores Nicolas Souza Barros e Carlos Alberto de Carvalho, formou-se na UniRio e, em algum momento dessa trajetória impecavelmente clássica, conheceu a viola caipira. O instrumento "errado". O instrumento que ninguém esperava.

Minas que mora na memória, não no CEP

Só que técnica sem chão vira firula. E o chão veio de Minas, e aqui é onde eu, mineirinho dos queijo, me sinto no direito de entrar na narrativa com um gosto de família.. Porque tem uma coisa que a gente de Minas sabe que o resto do Brasil ainda está aprendendo: o interior não é só um lugar no mapa. É um lugar na memória. E memória afetiva é a matéria-prima mais resistente que existe.

O coração do Yassir foi sequestrado em Três Corações, Minas Gerais. Lá, criança ainda, Yassir via a Folia de Reis chegar na casa dos avós e ouvia o ronco do "velho fenemê" do vizinho. Ele não aprendeu a tocar viola em Três Corações, na verdade ele aprendeu sozinho, no Rio, de forma autodidata, tentando imitar os ponteados do Tião Carreiro sem nunca ter tido uma aula formal no instrumento. E o resultado?

"Eu tocava o instrumento errado no lugar errado na hora certa."



"Quando eu era criança, eu vivenciei a entrada e a chegada da Folia de Reis na casa dos meus avós". Aquilo me marcou profundamente. A partir daquele momento, aquela sonoridade do folclore, aquela sonoridade do rural acabou realmente fazendo parte para sempre da minha vida."

Da Novela ao Silêncio da Cantareira

A televisão brasileira, que raramente peca pelo excesso de bom gosto, fez algumas coisas certas ao longo da história. Uma delas foi abrir espaço para Yassir Chediak. A música "**Estradas**" entrou na trilha do seriado Carga Pesada, da Globo, em 2003. Em 2009, ele foi ainda mais longe: atuou como o violeiro Juvenal na novela Paraíso e gravou disco pela Som Livre. Em 2011, "**Aroma que Inebria**" virou tema de Morde & Assopra.



"É maravilhoso poder trabalhar justamente dentro da natureza e mergulhado no silêncio. É o som do silêncio"



O homem que resolveu mexer nos vespeiros da música

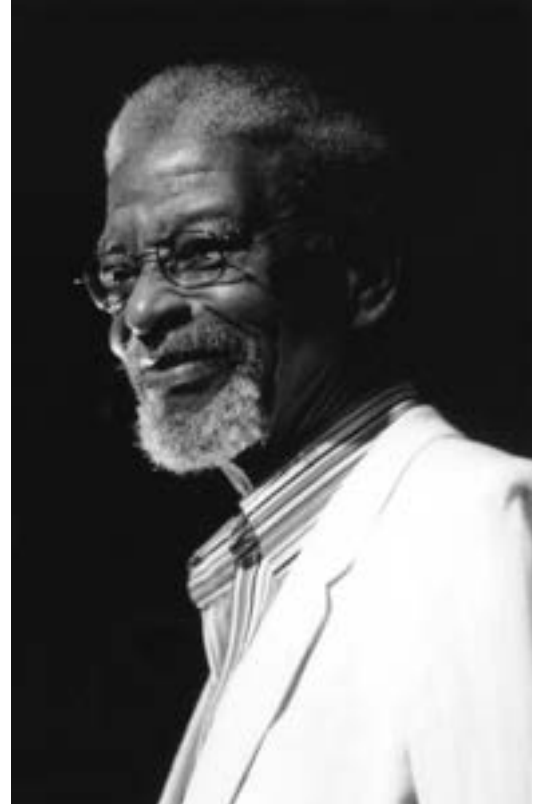
Vespeiro 01: Os ritmos de raiz vão morrer.

Na entrevista exclusiva para a 9ª edição da Dissonância, Yassir não veio para agradar. Veio para cutucar aquela turma que acha que tradição é coisa intocável e não faz questão nenhuma de ser diplomático.

"Ritmos de raiz podem morrer se não receberem influências modernas. A gente está perdendo ritmos como o Cururu e o Cateretê porque a nova geração vem com uma bateria sem tempero brasileiro"

Vespeiro 02: A viola é a mãe do samba.

Tem uma coisa que Yassir Chediak diz que faz qualquer purista do samba engasgar com o café: "**A viola é a mãe do samba.**"



Xangô da Mangueira (1923 - 2009)

Antes que alguém vá reclamar, é bom deixar claro que não é ele quem inventou isso. Foi o Xangô da Mangueira, e os discos antigos confirmam. Clementina de Jesus. Cartola. Martinho da Vila gravando Rio de Piracicaba, do Tião Carreiro. Os sambas enredo até o começo dos anos oitenta, com o Zé Menezes ponteando viola nos estúdios.

"A viola ela foi substituída por um ponteado de violão, ou de cavaquinho em alguns momentos", observa Yassir. **"E o samba perde muito quando a viola deixa de tocar no samba. Perde muito".**

Mas há esperança. Uma vez, chamado para gravar um álbum de samba, Chediak recusou o espaço que havia sido reservado para ele: uma harmonia de viola onde já estava tudo pronto, com o solo feito pelo violão. **"Ponteado tem que ser de viola",** insistiu. E convenceu. E o disco ficou melhor. Alguém tinha que dizer.

"O Rio de Janeiro não é o túmulo da música caipira não", provoca, lembrando que há violeiros na cidade, que há Folia de Reis no Morro da Mangueira e em Caxias, que a viola caiçara, aquela que anda na beira do mar, como o próprio Yassir, é tão legítima quanto a que percorre o sertão.

Yassir Chediak, o Guardião Analógico da Era Digital

Desde 1999 Yassir mantém no ar o site Viola Caipira, lembrando que nessa época a internet brasileira era basicamente uma novidade cara para poucos. Durante muitos anos aquele site foi a única referência online sobre o instrumento no país. Todo violeiro que tentou pesquisar alguma coisa sobre ponteados, afinações ou história da viola naquela época passou por ali.



violacaipira.com.br

Hoje o portal está "**meio desatualizado por falta de tempo**", como ele mesmo admite. Mas o que ele construiu ali, antes das redes sociais, antes do YouTube, antes de qualquer algoritmo decidir o que merece atenção, foi um ato de fé e de teimosia que merece reverência. E esse é paradoxo de Chediak: ele manteve vivo um arquivo da tradição enquanto o mundo ainda não sabia que precisaria dele.

O Próximo Capítulo: A Porrada Nordestina



Viola Brasileira Contemporânea (dez/2022)

Depois de Viola Brasileira Contemporânea (2022), que explorou as memórias afetivas do universo caipira com uma abordagem mais rural e contemplativa, Yassir Chediak está terminando um novo álbum. E pelas palavras dele, quem espera mais do mesmo vai levar susto.

"Vocês vão ouvir uma porrada sonora que vai tremer o pulmão e o coração aqui, vai dar aquela sacudida bem interessante."

O novo trabalho mergulha no Nordeste, nos repentes, na viola nordestina, naquele suingue que a gente do Sul e Sudeste ainda não aprendeu a respeitar direito. Porque sim, a viola também está no Nordeste, e Yassir está cansando de ver as pessoas esquecerem isso.

O carioca que aprendeu viola sozinho no Rio, que absorveu a Folia de Reis em Minas, que levou o instrumento para a beira do mar e depois para a Serra da Cantareira, agora aponta para o Nordeste, não como turista de Instagram, e sim como músico que percebeu que o Brasil é grande demais para caber numa só identidade regional.



Enquanto isso, em shows como o Roda de Viola e a parceria com Renato Teixeira no show "**Um Legado**", Chediak continua fazendo o trabalho que sempre fez: colocar a viola no centro.

Mais de 50 mil pessoas já foram presencialmente. Campos do Jordão à luz de velas foi mais um capítulo.

No fim das contas, a história de Yassir Chediak é a história de alguém que aprendeu a afinar no tom errado e descobriu que, às vezes, o tom errado é exatamente o que a música precisava ouvir.



Ele não veio salvar a viola. Veio provar que ela nunca precisou ser salva. E ela continua andando. E não está mais só no sertão. Está onde ela sempre deveria ter estado: em qualquer lugar onde um brasileiro resolva desafinar o mundo com dez cordas afinadas.

"O que eu sinto falta nessa turma ainda é uma busca da própria identidade musical, da inovação do instrumento"





Yassir Chediak em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Jorge Murilo

Yassir Chediak não cabe na imagem pronta que tentaram colar na viola caipira e talvez seja por isso que ele tenha ido tão longe com ela. Ele nasceu em Ipanema, cresceu entre cineastas e compositores de MPB, aprendeu violão erudito com o tio que inventou os Songbooks e, por alguma razão que só a música consegue explicar, foi parar com dez cordas de aço nas mãos, ponteando Tião Carreiro numa cidade que mal sabia que viola existia. Violeiro, compositor, cantor, produtor, ator, apresentador e pesquisador, Chediak carrega vinte e cinco anos de carreira e a convicção de que a viola caipira cabe em qualquer lugar, não importa se é no samba da Mangueira, na beira do mar, no horário nobre da Globo ou numa roda à luz de velas em Campos do Jordão. É com esse homem que trocou o barulho da Avenida Paulista pelo silêncio da Serra da Cantareira e não se arrepende nem um pouco que a Dissonância sentou para conversar.

Dissonância: Dualidade Cultural: Você é um carioca nascido em Ipanema que se tornou uma referência nacional na viola caipira. Como essa origem urbana e litorânea dialoga com a sonoridade rural que você desenvolveu ao longo da carreira?

Yassir Chediak: *É, tá aí uma coisa bem interessante, né? Você sabe que o Renato Andrade, ele dizia que se tornou um grande violeiro porque estava no lugar errado na hora certa. O Renato Andrade, ele chegou a morar um pouco na casa do meu pai, que também é mineiro. E eu posso dizer que é um pouco parecido comigo. Eu tocava o instrumento errado no lugar errado na hora certa. Então acabei ganhando muito espaço no Rio por causa da viola. Agora, essa linguagem rural que eu tenho, ela vem um pouco dessa minha referência de interior, sim. Só que, se você ouvir o meu álbum "A Viola e o Mar", aí você já ouve outras influências. Eu sou um cara de MPB, eu acho também que muito dessa ruralidade acabou entrando em mim, porque eu gosto, mas também muito por causa do mercado. Depois de ter feito muita televisão mostrando a viola e etc e tal. Mas eu gosto de explorar sonoridades de MPB, de forró na viola também, sabe?*

Dissonância: Influência de Três Corações: Embora tenha nascido no Rio, foi em Minas Gerais que você aprendeu a viola de dez cordas. De que maneira as memórias afetivas de sua infância no sul de Minas, como o som do "velho fenemê" do vizinho ou o rádio ligado no programa do Chico Bento, moldaram seu álbum, "Viola Brasileira Contemporânea"?

Yassir Chediak: *Aí tem uma coisa que é realmente muito interessante, porque eu não aprendi a tocar viola em Três Corações. Eu aprendi a tocar viola no Rio de Janeiro. Aprendi a tocar viola no Rio de Janeiro. E foi como autodidata, na verdade. Aprendi sozinho. E eu tentava imitar os ponteados do Tião Carreiro e de toda essa turma de viola, mas como*

eu não tinha um conhecimento pleno sobre o que eles faziam, eu acabei desenvolvendo uma outra técnica. Eu nunca usei dedeira, por exemplo. Como eu tenho uma formação no violão clássico, eu usei técnicas do violão clássico. E acabei também, em alguns ponteados, que eu ouvia, a gente ouvia aqueles sons duetados e na época eu achava que o cara fazia isso sozinho na viola. Hoje, depois que eu descobri que ele tinha uma viola e o violão fazendo a mesma coisa, eu aprendi a fazer esse duetado, às vezes sozinho, que acaba sendo uma coisa também meio absurda, meio louca de se dizer. Mas a influência de Três Corações é interessante, porque quando eu era criança, eu vivenciei a entrada e a chegada da Folia de Reis na casa dos meus avós, e aí o que aconteceu? Aquilo me marcou profundamente. E a partir daquele momento, aquela sonoridade do folclore, aquela sonoridade do rural acabou realmente fazendo parte para sempre da minha vida. Então, eu trago essa memória afetiva muito conectada com a Folia de Reis. Eu adorava ver as folias de reis passando. E lá tinha o som da viola.

Dissonância: A Herança dos Chediak: Seu tio, Almir Chediak, foi o criador dos famosos Songbooks e seu primeiro mestre no violão erudito. Como o rigor técnico e o convívio com grandes nomes da MPB na infância influenciaram sua abordagem teórica da viola?

Yassir Chediak: *O Almir acabou sendo uma pessoa muito importante, porque ele me deu aulas, Mas a aula que ele me deu, na verdade não era erudita, era MPB. O Almir era um especialista em harmonia MPB e eu tive algumas aulas com ele. Não tantas, porque como eu queria sempre aprender a solar, eu sempre gostei de solo. O próprio Almir me recomendou um professor de violão que foi o Nicolas Souza Barros. Quando eu tinha dezesseis ou dezessete anos, eu acabei indo para o violão erudito. Ali, naquele momento eu já tinha estudado violão erudito quando era criança, muito tempo, tocava muitas músicas e a partir desse momento eu fui ali,*

violão erudito. E aí fui aprimorar a técnica. Depois estudei com Carlos Alberto de Carvalho também e sempre aprimorando a técnica. Eu sempre deixei um certo vácuo na harmonia. Eu nunca fui um grande estudioso da harmonia funcional. Isso é até antagônico ao próprio Almir Chediak. Mas o meu pai também teve muita influência. Meu pai é diretor de cinema, então, por exemplo, eu convivi com grandes mestres da MPB. Por exemplo, o Chico Buarque fez música para filme do meu pai, aquela "Mil Perdões". Então, quando era criança, eu ia no sítio dele jogar futebol e o Radamés Gnattali ia na minha casa, que ele fez trilha com meu pai, John Neschling e caras que eram amigos do meu pai. A gente ia lá no bar do Barbas. Então a gente via todo mundo ali, presente. Gal. Bethânia, todo mundo tocando ali, conversando, aquela, aquela efervescência cultural do Rio de Janeiro com o Almir. Eu conheci o Tom Jobim pessoalmente, Raphael Rabello e muita gente top da MPB. Então foi. Foi realmente essa coisa do Chediak. Isso foi muito importante. Mas eu não posso esquecer também da minha mãe, que também era diretora de cinema e também tinha muitos amigos músicos. O Jards Macalé era muito amigo dela, a Sandra de Sá, e as pessoas sempre estavam lá em casa também.

Dissonância: Você fez uma declaração polêmica ao afirmar que ritmos de raiz podem morrer se não receberem influências modernas. Como foi o processo de "sacudir o caldeirão" para misturar a viola caipira com elementos de rap, blues, rock e pop, sem perder a essência do instrumento?

Yassir Chediak: *Eu acho que aqui no Brasil a gente tem uma característica, já respondendo sobre essa declaração, você falou um pouco polêmica. Eu acho que é um fato. A gente está perdendo os ritmos das nossas raízes, Cururu, Cateretê. A gente tem perdido muitos ritmos no Brasil, porque a nova geração só quer os que depois, com os pais que*

cresceram ouvindo rock e pop, já é uma geração que vem com aquela bateria tum tum tum tum. Tá muito sem tempero brasileiro. E a própria MPB, hoje em dia quando você ouve a maioria, ela tá tum tum tum tum. Então quer dizer, tá tudo virando um grande caldeirão. A gente ainda tem sorte que no Brasil nós ouvimos oitenta por cento de música nacional e a média mundial é de trinta por cento. Você imagina na Alemanha só se escuta trinta por cento de música alemã. No Japão, idem, na França, idem. Na Itália, idem. Eu me refiro sempre ao mundo ocidental, onde os nossos números alcançam. E o Brasil não. Então a gente tem ainda realmente a pisadinha que já é o forró moderno. A gente tem o sertanejo universitário. Não são estilos que eu curta, mas eu respeito muito porque eles mantêm tradições muito antigas ali, sabe? Eles mantêm essas tradições que são muito antigas. Eu gosto de usar nas minhas músicas. Todos esses ritmos que eu que eu aprendi, mesmo porque eu gosto de escutar ritmos do folclore brasileiro. E eu acho que esses ritmos são tão fortes e tão pungentes assim, são tão incríveis que eu acho que eles merecem, esses ritmos, merecem uma atenção especial. E eu usei isso muito no “Viola Brasileira Contemporânea”, que é um disco que tem um aspecto mais rural. Mas eu terminei de gravar o novo álbum e o novo álbum, ele já vem com uma outra rítmica, já trabalhando um pouco mais o lado nordestino, esse suingue nordestinos, porque a gente sempre esquece que a viola também tá no Nordeste em peso, através dos repentes e da viola nordestina. Então eu resolvi fazer um álbum trazendo essas influências também.

Dissonância: Em suas pesquisas, você destaca a viola como a “mãe do samba” e menciona as violas cariocas de sambistas como Mano Décio da Viola. Pode nos contar mais sobre essa face pouco conhecida da viola no cenário urbano do Rio de Janeiro?

Yassir Chediak: A viola é a mãe do samba. Mas não sou eu que digo isso. Na verdade, foi o Xangô da Mangueira que me disse. E também todas as pesquisas que eu fiz.

Eu tenho um acervo de discos de vinil bem interessante aqui que provam isso. E é o Xangô da Mangueira, quando eu fiz essa gig com ele, ele queria uma gig que fosse a gig do samba de quando ele era jovem. Então nós fizemos o show com Xangô da Mangueira, que era viola caipira, cavaco, violão, percussão e acordeão. Ele falou: “Esse é o samba de raiz, esse é o samba verdadeiro”. E a gente ouve isso em discos antigos. Você pega, por exemplo, Clementina de Jesus. Ouçam aí. Tem no Spotify a música “Chora Viola”. Você vê o solo da viola ali. E você sabe que é a viola. Ela era usada também nos samba enredo, até mais ou menos começo dos anos oitenta. Tinha a viola gravada no samba enredo. Quem gravava aquela viola ali muitas vezes era o Zé Menezes. E você pega os discos do Cartola, têm bastante viola, têm bastante viola. Você ouve aquela “É impossível / Nesta primavera, eu sei”. Você ouve ali o som da viola, sabe? É muito bonito ouvir o som da viola do samba. Martinho da Vila gravou muita coisa, inclusive Martinho da Vila tem uma versão fantástica do “Rio de Piracicaba”, do “Rio de Lágrimas”, do Tião Carreiro. Então mostra essa conexão. É bem legal isso. Eu acho que o samba perde muito quando a viola deixa de tocar no samba. Perde muito. E aí você vê que o ponteado de viola, ele foi substituído por um ponteado de violão, ou de cavaquinho em alguns momentos. Uma vez eu fui chamado para gravar um álbum de samba e aí deixaram, para mim, um espaço de harmonia, sem solo. O solo já tinha sido feito pelo violão. Eu falei “olha, eu não vou gravar porque já tá tudo pronto aí, né? Mas você faz aqui harmonia de viola pra ficar bonito”. Falei “não, cara, harmonia é que tem que ser do violão. Se você quiser um ponteado, ponteado tem que ser de viola”. Aí eu convenci eles a trocar esse lugar e eles gostaram e perceberam que realmente é ali que a viola tem que estar.

Dissonância: Suas participações em novelas como Paraíso e séries como Carga Pesada deram uma visibilidade massiva à viola. Você sente que esse tipo de exposição ajudou a quebrar o preconceito contra a música regional em centros urbanos?

Yassir Chediak: Eu não sei dizer sobre essa quebra de preconceitos. O que eu sei dizer é que as pessoas que estão nos centros urbanos eu acho que metade dessas pessoas tem raízes no interior. Aqui em São Paulo, pelo menos, eu acho que quase cem por cento das pessoas têm raízes no interior. Então todo mundo gosta de viola. É diferente do Rio de Janeiro, mas o Rio de Janeiro, ele não sabe fazer uma leitura sobre a música sertaneja ou a música caipira ou a música raiz. O carioca joga tudo no mesmo balaio, porque, para o carioca, a música raiz é o samba de raiz, né? Ou o Nordeste, ele associa tudo a Nordeste, e não. Mas quando o carioca ouve um Rolando Boldrin, uma Inezita Barroso, aí abre os ouvidos e ouve aquilo como uma música pura da viola. E aí gosta tanto que eu tive programas de rádio no Rio de Janeiro que bombavam, que tinha uma ótima audiência. E isso é interessante. Eu acho que o Rio de Janeiro, tem muitos violeiros no Rio de Janeiro, inclusive eu deixei vários aí, na época que eu dava aula, deixei vários violeiros e muitos amigos meus que também tocam viola no Rio e acabam tendo influências muito interessantes, mas não são absorvidos pela MPB. Eu acho que precisa de um protagonismo. E alguém precisa ser mais protagonista nessa viola carioca, sabe? Bom, eu sou violeiro carioca. Eu sou um violeiro carioca, um, só um. Mas existem muitos outros. Inclusive, você sabe que tem folia de reis, né? em Caxias, no Morro da Mangueira tem. Nem sei se tem viola mais, mas tem. A viola ela deu visibilidade sim. A novela, aliás, ela deu visibilidade, sim. Mas eu acho que muita gente ainda não captou esse instrumento porque, como ela é colocada sempre no universo rural, quem poderia compreender a sonoridade do instrumento não compreendeu a diversidade do instrumento por ele estar inserido sempre no universo rural. Se você ouvir o meu álbum “A Viola e o Mar”, você já vai ver outro universo da viola caipira que eu nem digo que viola caipira, eu falo que é viola caíçara, caíçara que anda na beira do rio, caíçara que anda na beira do mar. Eu ando na beira do mar e, às vezes, vou para o rio também. Bom, eu sou do Rio, do Rio de Janeiro.

Dissonância: Fale sobre o projeto social que você coordena com seu pai em Minas Gerais, atendendo crianças carentes com aulas de teatro e música. Qual a importância de passar adiante o ensino da viola para as novas gerações?

Yassir Chediak: *Eu, na verdade, eu nunca dividi palco com Almir e nem com o Sérgio. Eu divido o palco com o Renato Teixeira, que é meu parceiro. Nós somos parceiros de palco, temos um show que é meio a meio. E também agora somos parceiros de música. O Renato me mandou uma letra, eu fiz uma música que vai ser gravada, tá sendo gravada agora. E, cara, é fantástico dividir o palco com um cara que é meu ídolo. Outro cara que eu já dividi palco, que também é outro grande ídolo para mim é o Geraldo Azevedo. Geraldo Azevedo, que é pai da Gabi, que é uma amiga de infância. Então cresci indo nos shows do Geraldo. Aí um dia, Geraldo falou "Cara, você hoje é um violeiro grande, vamos lá tocar no Arraial do Circo Voador". E eu fiz o Arraial do Circo Voador com ele, com aquela minha viola de metal. A viola é dobro e foi muito incrível. Então, dividir palco, ser parceiro de pessoas que eu tenho como ídolo, como ídolos musicais, é meio que você fala "poxa, consegui chegar num patamar ali que essas pessoas me respeitam como músico também", e isso é bem bacana. Não é esse o objetivo, meu objetivo é ir em frente, mas quando a gente vai em frente, a gente chega nesses lugares. E para mim, e você vê, o Geraldo Azevedo já gravou no meu segundo disco. Eu tenho várias músicas lançadas no streaming com o Renato Teixeira. Tem também as participações do Sérgio Reis. Tem uma música só que o Almir tocou, mas tocou só uma viola que também participou. Mas é muito legal, né? Todos esses caras são ícones. Então a gente respeita e graças a Deus eles respeitam a gente.*

Dissonância: Portal Viola Caipira: Você mantém desde 1999 um dos maiores portais de referência sobre o instrumento no Brasil. Como você enxerga o futuro da viola caipira na era digital e qual o papel da internet na preservação dessa cultura?

Yassir Chediak: *A viola é muito interessante porque a viola no universo digital ela está ganhando muita força. Eu viajo pelo Brasil e eu tenho visto cada vez mais a molecada tocando viola e eles seguem no interior aqui de São Paulo, principalmente em Mato Grosso. Eles seguem muito aquela pegada Tião Carreiro ou pegada Almir Sater e isso é fantástico. Porque você vê no YouTube violeiros aí com milhões e milhões de execuções. É bem interessante isso. E o que eu sinto falta nessa turma ainda é uma busca da própria identidade musical, da inovação do instrumento, que eu acho que o Brasil peca um pouco nisso, na MPB, no samba, por exemplo, a gente não tem nenhum disco de samba que eu lembre que a formação é feita com guitarra, baixo, algumas distorções, não existe. Se tivesse, me avisa, porque eu tenho que ter esse disco. Quem fazia muito essas inovações era o Pepeu Gomes, que para mim é um dos maiores guitarristas do mundo. Pepeu Gomes fez muito isso. O próprio Jorge Benjor veio com essas influências, né, Baby Consuelo e tudo mais, que são grandes músicos, mas a gente não. O brasileiro, ele tem certos receios em transformar coisas. Quando eu comecei, quando eu gravei "Chora Viola" do Tião Carreiro e coloquei guitarra, pô, me xingaram um monte e xingam até hoje. Aí os caras falam "Não, você não é violeiro, você é roqueiro". Eu falei: "não, cara, isso eu Tião Carreiro e quem ganha esse duelo é a viola". É isso que os caras não entendem às vezes, mas faz parte. O processo de transformação ele não pode parar. E eu também não vou parar com esse. Esse álbum novo vai trazer essas coisas aí. Quando vocês ouvirem, vocês vão ver uma pancada sonora. Já vou adiantando que vocês vão ouvir uma porrada sonora que vai tremer o pulmão e o coração aqui, vai dar aquela sacudida bem interessante. E para terminar, sobre o portal "Viola Caipira", ele anda meio desatualizado por falta de tempo, falta de tempo de pesquisar e colocar lá. Mas o Viola Caipira, gente, o Viola caipira, ele foi o principal meio de divulgação da viola caipira durante muitos anos. O Viola*

Caipira, ele durante muito tempo, ele era a única referência na internet, a única. Então todo mundo navegava ali. E eu trabalhava em cima dele. Eu tinha até uma loja virtual que vendia livros, vendia CD, DVD, tudo de viola e vendia pra caramba. Hoje está tudo fragmentado em todas as plataformas sociais, as pessoas preferem as plataformas sociais, infelizmente, porque a gente tinha um trabalho muito respaldado em pesquisa. Na plataforma social, o cara solta alguma coisa, mas ao mesmo tempo, se você souber filtrar a informação, tem muita informação.

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA



[CLIQUE AQUI](#)

DISSONÂNCIA
o maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

RAIO-X DO ÁLBUM
Cada faixa explicada. A obra compreendida.

Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.

Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura exaratorial.

Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da Dissonância.

ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP

(021) 96736-6260

PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

YASSIR CHEDIAK

Yassir Chediak nasceu em 12 de abril de 1971, em Ipanema, Rio de Janeiro. Violeiro, compositor, cantor, produtor, ator e pesquisador, construiu em 25 anos de carreira uma obra que desafia qualquer tentativa de classificação fácil e agradece por isso.

Formado em música pela UniRio e moldado pelo violão erudito e MPB, encontrou na viola caipira seu instrumento de vida. Desde 1999 mantém o portal Viola Caipira, referência nacional para músicos e pesquisadores do instrumento.

Sua discografia percorre estradas longas e variadas:

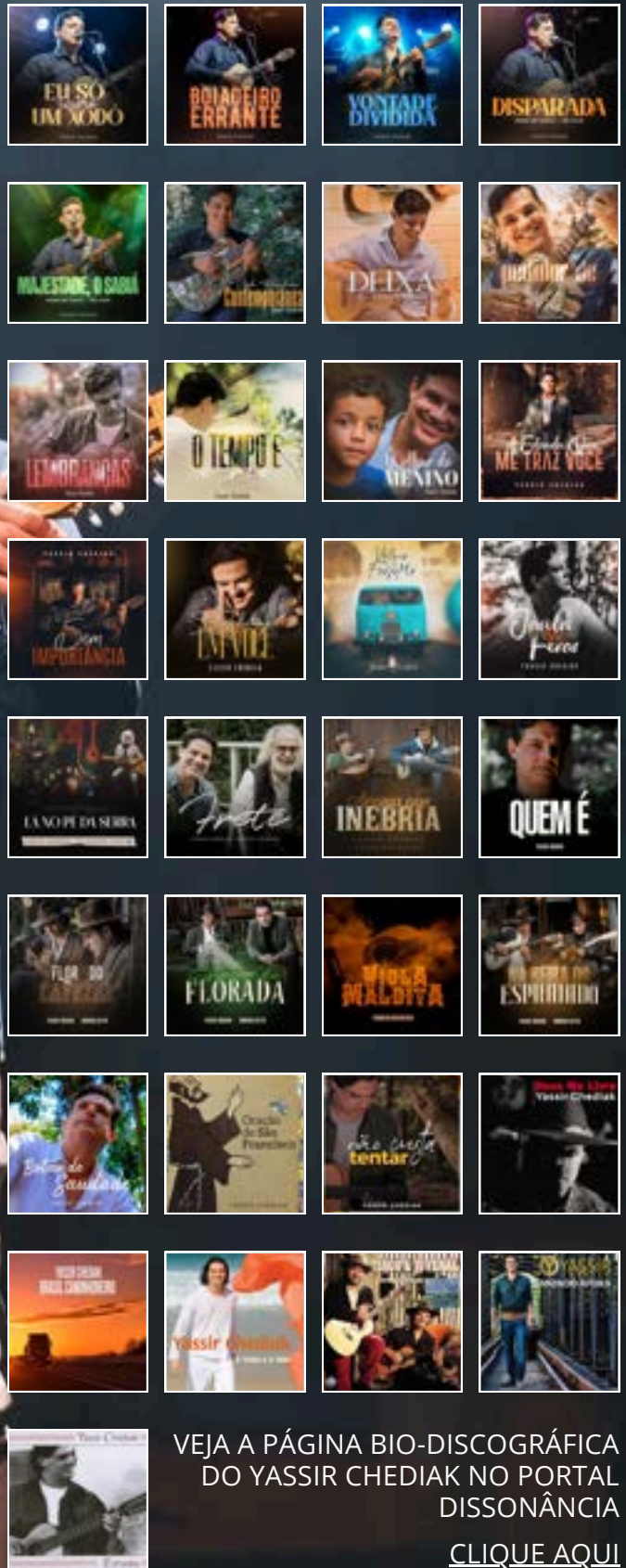
Estradas (2000) - estreia independente, com a música que depois entraria na trilha do seriado Carga Pesada (Globo).

A Viola e o Mar (2010) - a viola caíçara encontra o litoral.

Os Violeiros da Novela Paraíso (2009) - gravado com Rodrigo Sater pela Som Livre.

Mundo Afora (2015) - clássicos sertanejos e composições autorais em diálogo.

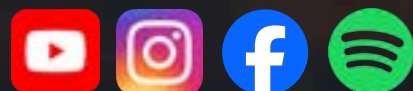
Viola Brasileira Contemporânea (2022) - seu trabalho mais ambicioso, reunindo do caipira ao romântico numa obra de memória afetiva e identidade.



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DO YASSIR CHEDIAK NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS



Star Wars: e se Anakin nunca tivesse virado Darth Vader?

Por Rogério Espósito



Star Wars, um outro ícone da cultura pop, é uma história realista, mesmo não sendo baseada em fatos reais. É baseada em valores e fraquezas humanos. É a saga de uma sociedade extremamente diversa, das mentes mais limitadas às mais brilhantes, desde escravos e bandidos até cavaleiros altamente evoluídos que, mesmo assim, não conseguiam acabar com os crimes, conflitos e a própria escravidão.

Uma República com seus centros de prosperidade e tecnologia contrastando com guetos de pobreza e violência. Recheada de fraquezas humanas incorporadas em alienígenas, sucumbiu à ditadura de um chanceler que criou, administrou e sufocou crises e guerras, manipulando todo tipo de cidadão (ignorantes, inteligentes, gananciosos, excluídos e influentes) para chegar ao poder.

A Força não é para todos e, em mãos erradas, pode gerar catástrofes, como o golpe muito bem engendrado de Palpatine. Uma verdadeira pérola em estratégia, deveria ser ensinada em livros de história. Eu gostaria de perguntar a George Lucas o que se passava na sua cabeça quando criou os primeiros episódios, que não expunham a abrangência do contexto global da obra.

Por exemplo, no Episódio 4, o Imperador dissolve o Congresso, mas não aparece. Ficamos com a impressão de um Darth Vader todopoderoso, mas que, na verdade, era vítima da própria falta de visão. Nascido escravo em um fim de mundo que para alguns era um gueto que nem pertencia à

República, Anakin Skywalker alcançou a dimensão de um mundo maior, onde a vida é profícua, grandiosa, cheia de significado e realizações. Um milagre de oportunidade por si só: *"Se tivesse nascido na República, teria sido identificado mais cedo."*

O resto da história, todo mundo conhece. Se você não conhece, recomendo assistir os Episódios 1, 2 e 3, para depois se deliciar com Rogue One, o spin off que é melhor que todos. Recomendo que você deixe um pouco de lado a parte comercial: lutas de espadas, bichinhos que chamam a atenção de crianças, andróides, etc... E foque no contexto político-social. Entenda o posicionamento do Senado e a maneira de fazer política do chanceler. Verá que a saga é uma obra-prima nesse aspecto e deveria tê-lo enfatizado mais.



Quando encerrar a maratona, faça um momento de reflexão sobre a famosa "hora de parar". O risco de dar um passo maior que a perna. Controlar a ambição e sentir-se satisfeito com o que já tem. E principalmente aprender com o que já perdeu e sofreu. Nesse momento, assista o vídeo em anexo e pergunte-se: o que aconteceria se Anakin não tivesse seguido em frente com seus planos loucos de seguir Palpatine para dominar a galáxia e salvar Padmé do que ele mesmo evitaria se

tivesse parado e pensado um pouco?

Já casado e, portanto, oficialmente impedido de se tornar um jedi (Como o Conselho não descobriu o segredinho?), Anakin poderia ter devolvido seu sabre de luz a Obi Wan e desistido da carreira ali mesmo. Denunciaria (como realmente denunciou) Palpatine ao Conselho, mas não precisaria ir enfrentá-lo junto com Mace Windu. O mestre jedi teria aniquilado o chanceler... Anakin confessaria seu estado civil, abdicaria da guerra e "fugiria" para Naboo com Padmé para criar seus filhos em paz.

Caso Palpatine sobrevivesse, Anakin pediria ao próprio Chanceler que, por favor, o deixasse viver no exílio. Ele não atrapalharia seus planos. Poderia pedir também a proteção do Conselho. E aí teríamos enredo para outra trilogia alternativa e não a piada de mau gosto feita com os episódios 7, 8 e 9. Eles são uma afronta à genialidade de George Lucas.

Minhas congratulações ao internauta que gerou essas cenas alternativas com IA. Deu vida aos meus próprios pensamentos e valores. Eu teria seguido esse caminho. Não seria nem jedi, nem Vader, apenas um pai de família com muita história para contar e valores para passar aos filhos. Léia e Luke teriam sido muito mais felizes.



RAIO-X DO ÁLBUM



DAWN OF ANNIHILATION A 2ª GUERRA MUNDIAL NA VISÃO DE PHANTOM FALCON DIVISION

Por Fábio Drummond

Vamos começar com uma constatação interessante: alguém, em algum lugar do Brasil, acordou um dia e pensou "e se eu fizesse um EP de heavy metal sobre a Segunda Guerra Mundial cantado em inglês, alemão, japonês e português?". E pior: conseguiu convencer outra pessoa a tocar junto. Assim nasceu, em 28 de novembro de 2025, EP Dawn of Annihilation, da banda Phantom Falcon Division ou, como provavelmente se apresentam em festas de família, "aqueles que falam de tanques em vez de futebol".

Uma introdução necessária para quem ainda não conhece o projeto: a Phantom Falcon Division é uma banda de heavy metal temático, com foco cirúrgico em conflitos bélicos, especialmente a 2ª Guerra Mundial.

Emir, o guitarrista e vocalista, recusou a palheta como outros recusam compromissos afetivos: definitivamente e sem negociação. Aluno da escola fingerstyle, preferiu atacar as cordas com os próprios dedos, o que exige uma explicação convincente para qualquer headbanger mais conservador. A explicação, felizmente, está no disco.

O outro arquiteto do projeto é Max, multi-instrumentista que gravou praticamente tudo nas demos e foi também a primeira plateia de algumas das decisões mais desconcertantes da produção. Mas isso virá com calma, faixa a faixa.

ALLIED FORCES: diplomacia no volume máximo

A abertura já vem no modo "reunião da ONU com distorção no talo". Em Allied Forces, o verso "**Attack one of us, it's attacking all of us**" (Atacar um de nós é atacar todos nós) já chega espancando a porta com coturno.

A letra faz um resumo didático da Segunda Guerra Mundial, mas sem aquela pretensão acadêmica. É mais próximo de um briefing militar narrado por alguém com pressa e um amplificador ligado no 11. Quando eles mandam "Beware! The Allies strikes back" (Cuidado! Os Aliados contra-atacam), não estão emitindo um aviso, é ameaça mesmo.

O detalhe curioso aqui é o vocal gutural, que simplesmente... aconteceu. Não foi planejado.

Escapou e ficou. O detalhe curioso aqui é o vocal gutural, que simplesmente... aconteceu. Não foi planejado. Escapou. E ficou. O tipo de acidente que, em vez de ser corrigido, vira identidade. Dá um certo charme caótico, como quem tropeça na escada e decide descer rolando porque já começou mesmo.

LUFTWAFFE ASSAULT: velocidade, fumaça e radar apitando

Em seguida, "**Luftwaffe Assault**" acelera as coisas. Speed metal de alta octanagem, com sintetizador imitando torres de controle de voo, isso porque Emir curte um synthwave e, por isso, não consegue fazer uma música de dogfight sem meter retrowave no balaio. "**Feuer mit feuer**" (Fogo com fogo).



A premissa: uma dogfight entre um piloto da RAF (foto azul) e um da Luftwaffe (foto em preto e branco). A inspiração: relatos reais de pilotos da época, com menção especial a Erich Hartmann, o maior ás da história da aviação, com mais de 350 abates aéreos, recorde que permanece intocado até hoje. O homem era tão casca grossa no ar que os soviéticos colocaram preço pela sua cabeça.

É divertido imaginar o piloto da RAF ouvindo esse som, enquanto tenta não levar um tiro no meio dos córneos. Pois é, mas a faixa cumpre seu papel: trilha sonora para quem gosta de sentir o vento da hélice na cara sem sair do sofá.

Formação:

Emir Von André (André Freire):

Vocal, guitarra e synths

Max Fiedelstein (Heitor Campos

Dias): Guitarra, voz e baixo

Daniel Palomo: Baixo

Eduardo Guilherme: Bateria

THE DESERT FOX: o fantasma que anda de tanque

Aqui o EP desacelera, ou seja, "fica mais pesado ainda".

The Desert Fox mergulha na figura de O homenageado: Erwin Rommel, o único alemão que os Aliados respeitavam, aliás, o único militar da 2GM respeitado por ambos os lados do conflito. Volksmarschall (o Marechal do Povo).



O verso "**We can't see, but can you hear? Is the BOOGEYMAN!**" (Não conseguimos ver, mas você consegue ouvir? É o bicho-papão!) eleva o cara ao nível de lenda de guerra.

Eu, particularmente, achei muito melodramática. Mas aí entram os detalhes que salvam a faixa de virar só mais um hino genérico:

- o phaser simulando motores de blindados,
- as vozes entre versos como "fantasmas do deserto",
- o uso da técnica de ataque chamada "pagode" que, ironicamente, ajuda a construir um dos momentos mais tensos da música.

Sim, pagode. No meio da guerra. Mas pior que funciona.

Quando eles repetem "Beware the phantom, The Desert fox" (Cuidado com o fantasma, a Raposa do Deserto), aí já deixou de ser história militar e baixou o espírito do folclore. E talvez seja exatamente essa a ideia.

SNAKE'S SMOKE: o Brasil entra na parada

Agora a cobra vai fumar, a Força Aérea Brasileira entrou no conflito. Antes da guerra, se dizia que era "mais fácil uma cobra fumar que o Brasil entrar na guerra", pois é, olha no que deu. Entramos na guerra e a símbolo virou a cobra fumando.



Insígnia da FEB na 2ª Guerra Mundial

"**In memoriam of brave brazilians who / Fought so hard And, Fall for their honor**" ("Em memória dos bravos brasileiros que / Lutaram tanto e, caíram por sua honra").

Essa é a faixa onde a banda para de falar de estrangeiros e decide que os Praçinhos da FEB merecem seu próprio hino metálico. E não é qualquer hino, é baseado em O Guarani, de Carlos Gomes. Sim, aquela da Hora do Brasil. A Phantom Falcon pegou a música que anunciava programação estatal e a transformou em marcha de guerra contra nazistas na Itália. É culturalmente absurdo, mas muito interessante e funcional.

O interlúdio fingerstyle do hino da FEB era pra ser curto. Mas a mãe do Emir achou que devia ser mais

longo. Emir, que não usa palheta (lembra? ele é da "escola Fingerstyle", o que pode soar suspeito, como algo que você inventa para justificar ter perdido todas as palhetas), toca o hino concentrado, com medo de errar alguma nota, parece que tá tocando para a própria mãe. O que, aliás, é exatamente o caso: a mãe de Emir insistiu que o hino deveria ser mais longo. E com mãe não se discute, o hino ficou mais longo. Essa é a curiosidade mais adoravelmente brasileira deste EP inteiro.

KAMIKAZE BÖDO: quando a banda resolve não traduzir nada

"**Watashi no tochi ni wakare o tsugemasu / sensō ga matte irukara**" ("Eu me despeço da minha terra / porque a guerra está me esperando").



Pilotos japoneses kamikazes

Momento curiosidade: o primeiro ataque kamikaze aconteceu em 21 de outubro de 1944, quando um piloto japonês lançou seu avião contra o cruzador Australia. A estratégia partiu do contra-almirante Takashiro Ohnishi, que defendia o uso de aeronaves carregadas de explosivos como forma mais eficaz de atingir navios inimigos. Com o sucesso inicial, o Japão passou a desenvolver o Ohka ("flor de cerejeira"), uma espécie de bomba tripulada com cerca de uma tonelada de explosivos. Entre os americanos, ficou conhecida como baka ("louco"). O custo da operação era sempre o mesmo: a vida do piloto.

Mas falando agora sobre a faixa em japonês. Inicialmente eu pensei que fosse japonês de Google

Translate, mas não, era japonês com Haiku, baseado no personagem Uchiha Madara de Naruto Shippuden, porque é claro que é.

Ao ouvir cuidadosamente a banda, percebi que A Phantom Falcon não faz as coisas pela metade: se vai fazer uma música sobre pilotos suicidas do Japão Imperial, para ficar bem-feito, você vai incluir poesia tradicional e referências a anime, correto? Pois é, eles fizeram isso. Que fique claro que isso, nem de longe, resume o que é o Japão, mas a faixa ganha pontos pela ousadia de ser cantada em japonês.

HELL ON EARTH: sem metáfora, sem saída



Essa faixa seria uma espécie de resultado lógico de um ambiente de guerra, mas tive a impressão de que ela não feita para esse disco propriamente dito, ela abandona a narrativa histórica linear e entra direto no pós-vida. Literalmente. Tanto é que a banda lançou um single dessa música em outubro de 2025.

Mas a banda acertou em cheio ao mudar o clima. Tem grunge, tem industrial, tem sujeira. O verso **"While dead bodies stack themselves"** (Enquanto os corpos se empilham) é quase desconfortável de tão direto.

"By the Song of the cannon we live / By the Song of the Cannon we tore apart / This is hell this is hell on Earth" ("Pela Canção da canção nós vivemos / Pela Canção do

Canhão nós despedaçamos / Isso é inferno, isso é inferno na Terra").

O fechamento traz Virmond Etrom, guia espiritual que mostra o resultado dos conflitos na visão do Hades. É o conceito mais ambicioso do EP, Dante meets metal. As bombas que caíam em faixas anteriores reaparecem aqui como destino final dos combatentes, criando uma espécie de concept album involuntário sobre como todo herói de guerra termina em carne podre.

A narração de abertura foi executada por Emir sem uso de efeitos, parece que o plugin de distorção travou, mas assim ficou ótimo. O resultado é um vocal gravado por alguém que acordou com ressaca e descobriu que tinha que narrar o Apocalipse antes do café da manhã.

Conclusão: um EP que se excede, sim, mas, ao mesmo tempo, não peca pelo excesso.



O Phantom Falcon Division EP não é um trabalho que tenta agradar todo mundo. Ele é barulhento demais pra isso, direto demais, e ocasionalmente específico demais.

Mas dentro do que se propõe, um mergulho estilizado, quase cinematográfico, na Segunda Guerra com pitadas de exagero e personalidade, ele entrega.

É um trabalho que não se leva excessivamente a sério, mas também não esconde a vontade de soar épico.



Curiosidade final: o vocal gutural que **"saiu sem querer"** acabou sendo uma das coisas mais marcantes. Moral da história? Às vezes o melhor do álbum é o que ninguém planejou. O resto é só blitzkrieg com phaser.

A cobra fumou. O falcão voou. Resta saber para onde vai o próximo ataque.

DiSSonância
a maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

RAIO-X DO ÁLBUM
Cada faixa explicada. A obra compreendida

- Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.
- Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura curatorial.
- Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da DiSSonância.
ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP
(021) 96736-6260

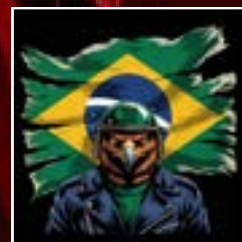
PHANTOM FALCON DIVISION

A Phantom Falcon Division surgiu em Curitiba em 2024, idealizada por Emir Von Andre (vocal e guitarra) e Max Fiedelstein (guitarra), com a proposta de unir influências do thrash e do metal melódico a uma abordagem temática pouco sutil: a Segunda Guerra Mundial como eixo narrativo.

A formação se consolidou com Panzerick (baixo), Dhan (sintetizador) e Ed (bateria), ampliando o alcance sonoro com a incorporação de elementos eletrônicos e arranjos mais densos. Ainda em 2025, a banda lançou uma sequência de singles que anteciparam o primeiro trabalho oficial: "Allied Forces", "Luftwaffe Assault", "The Desert Fox (Wüstenfuchs)", "Snake's Smoke", "Kamikaze Bödo" e "Hell on Earth".

O EP de estreia, Phantom Falcon Division (2025), reúne essas faixas em um registro conceitual que percorre episódios e personagens do conflito, consolidando a identidade do grupo.

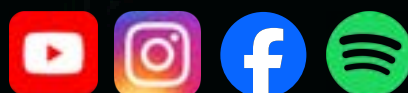
Com pouco tempo de estrada e um repertório já bem definido, a banda se posiciona mais interessada em construir uma narrativa própria do que em seguir cartilha de cena. Para 2026, prepara o primeiro álbum completo, Dawn of Annihilation, sinalizando que a proposta não deve ficar restrita ao formato de estreia.



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA PHANTOM FALCON DIVISION NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS



TU TENS?

Um Poema de Anderson Schiavi

De onde ela vem?
Ninguém sabe, até hoje, explicar.

Mas já descobriram:
ela vem
quando menos se espera.

Pode vir de manhã,
à tarde,
à noite,
e, em casos raros,
de madrugada.

Ela dói.
Ela destrói.
E não é amiga da alegria, não.

Cada um sente de um jeito.
Pode ser pequena,
ou em grandes quantidades.

Para alguns,
é companheira.
Para outros,
ilusão.
E, para outros,
perdição.

É um mistério
encravado no ser humano,
pior que unha encravada.

Tão misteriosa
que há quem se inspire nela:
na poesia,
na música,
na pintura.

Há quem diga
que não a tem.

Mas isso...
é quase impossível.

Por mais que se esconda,
um dia qualquer
ela aparece.

Debaixo do chuveiro,
num dia ensolarado,
ou num dia chuvoso.

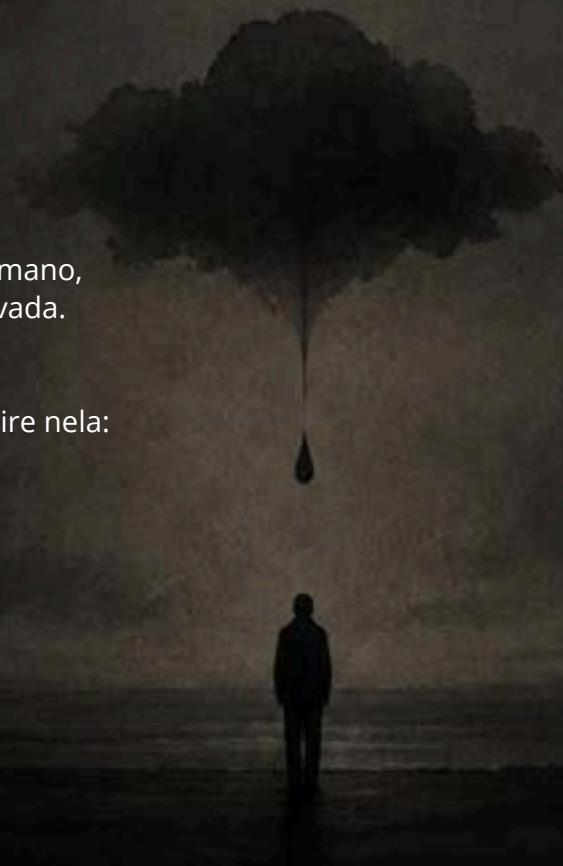
Eu, sinceramente,
não queria tê-la.

Mas ela é minha companheira
do passado,
do presente
e do futuro.

Já me acostumei.
Tento domá-la,
fazê-la aparecer
em poucos dias,
se isso é possível.

Eu já descobri
qual é a minha.

E tu,
já descobriu
qual é a tua
lágrima da alma?



Guia para Jornalismo Musical: Dicas Essenciais para Navegar no Universo Sonoro

Por Luanda Barreto

Se você acha que jornalismo musical é só ouvir uma música, escrever "legal" ou "chato" e pronto, prepare-se para uma viagem que vai desafiar suas ideias. O mundo da música é vasto, cheio de nuances, egos inflados e, claro, muita arte para ser desvendada. Aqui, vamos destrinchar os guias para jornalismo musical que todo aspirante a jornalista ou entusiasta precisa conhecer para não se perder no meio do caminho.



Guia para Jornalismo Musical: O que você realmente precisa saber

Antes de sair por aí escrevendo sobre o último álbum do artista da moda, é fundamental entender que o jornalismo musical não é só sobre música. É sobre cultura, contexto, história e, principalmente, sobre contar histórias que conectem o leitor com o som.

- Pesquisa é seu melhor amigo: Não adianta nada falar do disco novo sem saber quem é o artista, qual a trajetória dele, o que ele representa no cenário musical.
- Ouça com atenção: Não é só apertar o play e deixar rolar. Analise os arranjos, letras, produção, e até o silêncio entre as notas.
- Contextualize sempre: Relacione o trabalho com o momento atual, com tendências, com a história da música.
- Seja crítico, mas justo: Não precisa ser o hater da vez, mas também não vire um fã cego. O equilíbrio é a chave.
- Use a linguagem do seu público: Nada de termos técnicos demais ou jargões que só quem é da área entende. A ideia é aproximar, não afastar.

O que é jornalismo musical?

Parece uma pergunta óbvia, mas não é. Jornalismo musical é a arte de informar, analisar e criticar tudo que envolve a música, desde o artista, passando pelo processo de criação, até o impacto cultural e social das obras.

Não é só resenha de álbum ou cobertura de show. É mergulhar fundo no universo sonoro, entender as motivações, os bastidores, as tendências e, claro, as polêmicas. É transformar o som em palavra, o ritmo em narrativa.

E não pense que é fácil. Exige sensibilidade, conhecimento técnico e, principalmente, paixão pela música. Sem isso, o texto vira um amontoado de clichês e frases feitas.



Como construir uma pauta matadora para jornalismo musical

Se você acha que pauta é só escolher um artista e sair escrevendo, está na hora de repensar. Uma boa pauta é a base para um texto que vai prender o leitor do começo ao fim.

1. Identifique o que está em alta: Novos lançamentos, tendências, festivais, polêmicas.
2. Busque o diferencial: O que ninguém está falando? Qual o ângulo inusitado?
3. Converse com fontes: Artistas, produtores, fãs, especialistas.
4. Planeje o formato: Entrevista, crítica, reportagem, perfil.
5. Defina o público-alvo: Isso vai guiar a linguagem e o foco do texto.

Lembre-se: uma pauta bem feita é meio caminho andado para um conteúdo de sucesso.

Técnicas para entrevistar qualquer artista

Entrevistar um artista pode ser um desafio. Eles estão acostumados com perguntas repetidas e respostas ensaiadas. Como fugir disso?

- Prepare perguntas abertas: Que incentivem o entrevistado a se expressar de forma autêntica.
- Pesquise a fundo: Mostre que você conhece o trabalho dele, isso cria empatia.
- Seja flexível: Às vezes, a melhor resposta vem de uma pergunta que você não planejou.
- Use o silêncio a seu favor: Deixe o entrevistado pensar, não tenha pressa.
- Evite clichês: Nada de "qual a inspiração para o álbum?" sem um contexto interessante.

Com essas técnicas, suas entrevistas vão ganhar vida e seu texto, credibilidade.

Escrevendo para encantar: estilo e linguagem no jornalismo musical

Com a democratização da internet, o jornalismo musical independente ganhou força. Sem amarras comerciais ou editoriais, esses veículos conseguem ser mais autênticos, críticos e próximos do público.

Para artistas independentes, isso é uma mão na roda. Afinal, quem melhor para contar sua história do que quem realmente entende e valoriza a cena?

Além disso, o jornalismo independente tem o poder de descobrir talentos, criar tendências e influenciar o mercado de forma genuína.

Então, se o seu objetivo é ser a revista digital independente mais influente do Brasil, investir em conteúdo de qualidade, originalidade e conexão com o público é o caminho.

Agora que você já tem um panorama completo, que tal colocar essas dicas em prática? O universo do jornalismo musical é vasto, desafiador e, acima de tudo, apaixonante. Não se contente com o óbvio - vá além, questione, explore e, claro, divirta-se no processo. Afinal, música é vida, e contar essa vida é uma arte que merece ser celebrada.




Dkukas - Fique Online

Nascida no Acre e em Rondônia, a Dkukas lança "Fique Online" em 12 de dezembro de 2025, quinto álbum da banda e um recorte interessante do que o pop rock alternativo brasileiro tem de mais vivo fora dos grandes eixos.

O álbum tem oito faixas, nas quais Maelson Cardoso e Larissa Keli dividem os vocais, o disco percorre o território das relações humanas com a linguagem direta que se tornou marca da banda. A mixagem de Gordon Raphael, responsável por alguns dos discos mais icônicos do indie internacional, imprime precisão e caráter ao conjunto.

A abertura fica por conta de "Pois É", composição conceitual que a baterista Ellô descreve como "guitarra fervida, bateria consciente e efeito vocal único", uma música que trata sem filtros o cotidiano dos casais, com uma pegada que o underground reivindica como sua. O equilíbrio entre performance e intenção define o tom do que vem a seguir.

Com mais de meio milhão de seguidores nas plataformas digitais, a Dkukas entrega no disco sua declaração mais madura: a de que alma e autoria andam juntas.

OUÇA 



TheLira - Diamante Tesão


TheLira lança "Diamante Tesão", e joga lenha no confronto do valor da arte independente.

Com mais de 25 anos de estrada em Parnaíba, no Piauí, TheLira chega ao seu novo álbum carregando nas costas o bom rock e uma verdade pessoal: o artista independente vale mais do que aceita receber.

"Diamante Tesão" reúne seis faixas produzidas pela Jenipapo Records, entre elas "Entre Na Pista", "Rockstars", "Fuga do Paraíso", "David Bowie Muddy Blues", "Querendo Transar" e "Hora de Se Encontrar". O título do disco sintetiza bem a proposta: há brilho onde se espera apenas aspereza, e desejo onde se tenta impor resignação.

O álbum chega após o sucesso alcançado pelos singles "Soprando Conclusões" e "Diante dos Meus Olhos" que ajudaram o artista a acumular mais de 20 mil plays no Spotify. Sem dúvida TheLira é uma das vozes mais consistentes da cena autoral piauiense. Nas redes sociais, ele tem provocado o debate sobre dignidade artística e valorização da cultura local, tocando numa ferida que Parnaíba ainda carrega.

"Diamante Tesão" já está disponível em todas as plataformas digitais.

OUÇA 




Shadow Walker - Passo Curto

Shadow Walker lança "Passo Curto", primeiro single pelo Selo Maxilar Music, em 7 de novembro de 2025. Formada em 2023 em Cambuí (MG), a banda ergue sua sonoridade sobre as bases do Pós-Punk e da New Wave: baixo pesado, guitarras pesadas, vocais pesados, tudo é peso nessa banda e isso traduz exatamente a inquietação urbana.

Junto ao single, a banda lançou um clipe produzido inteiramente no circuito underground, veiculado pelo Instagram do grupo. Esse é o tipo de estética independente que a Dissonância gosta e essa independência orienta o projeto da banda desde sua origem.

A faixa ganhou peso extra ao ser apadrinhada por Gabriel Thomaz, músico e compositor de referência na música brasileira. O reconhecimento viria logo: em 2025, o Shadow Walker recebeu indicação ao Prêmio Gabriel Thomaz de Música Brasileira, consolidando o grupo no cenário nacional.

A formação reúne Shadow Walker (vocal), Thanis (guitarra e backing vocal), Rogério (baixo) e Ricardo (bateria). A banda segue em atividade, preparando novos lançamentos e expandindo sua presença em palcos pelo Brasil.

OUÇA 




Contestado - From the Pain to Slavery

A Contestado lança "From the Pain to Slavery", segundo single do projeto. A banda, formada em 2025 no litoral norte de Santa Catarina, segue desenvolvendo uma proposta que articula Thrash Metal, identidade regional e reflexão crítica.

Musicalmente, a faixa apresenta riffs diretos, andamento consistente e uma construção bem dinâmica, trabalha bem com tensão do enredo. Os caras levam a sério as influências de Sepultura, Kreator, Slayer, Brujeria etc, mas o foco está em consolidar uma voz própria dentro do metal extremo.

A letra explora como a dor pode se converter em um caminho de entrega e aprisionamento, uma forma de dependência que, em certos contextos, é percebida como liberdade. A construção lírica percorre conflito, aceitação e permanência. Referências literárias, especialmente a estética de Clive Barker, marcam a atmosfera da faixa, um passeio entre corpo, dor e transformação.

"From the Pain to Slavery" avança o trabalho iniciado com "Gears of Hell" e está disponível nas principais plataformas digitais.

OUÇA 

RELEASES




Tião Folk - O Último Dólar

Tião Folk lança "O Último Dólar", segundo single do álbum "Canções de Água e Terra", em 09 de maio de 2026. A faixa chega logo depois de "O As Amaldiçoado" e mantém o padrão narrativo que já marcou o projeto desde o início.

A letra acompanha um homem que perdeu tudo, restando-lhe apenas uma cédula de dólar, símbolo da última esperança diante do colapso. Tião Folk constrói a história com imagens precisas, falas, enredo, clímax e desfecho, prendendo o ouvinte do começo ao fim.

Musicalmente, o violoncelo, executado por Maiko Thomé, empresta um peso grave à canção, tecendo-se entre a bateria e a guitarra numa dinâmica que sustenta e amplia a tensão dramática da letra.

"O Último Dólar" confirma o que "Canções de Água e Terra" vem anunciando: Tião Folk é um compositor de narrativas densas e imagens inesquecíveis, e este álbum se consolida, single a single, como uma das obras mais consistentes do folk autoral brasileiro recente.

OUÇA 




S.E.M.E.A - Resort Paraíso

A SEMEA, banda gaúcha de reggae pop, lança "Resort Paraíso", single que reúne uma sonoridade que vem caracterizando o grupo desde o lançamento do primeiro single intitulado SEMEA, em 2024.

Resort Paraíso é uma continuação daquela vibe suave. A música conta com a participação de Renato Batista e Gordo Lopes, músicos consolidados da cena do reggae brasileiro e parceiros habituais de Armandinho.

A canção propõe um convite duplo: criar, pela música, a sensação de um refúgio particular, aquele espaço imaginário onde tudo parece mais leve, e ao mesmo tempo provocar uma reflexão sobre a busca por esse lugar ideal. Entre o conforto sonoro do reggae e a pergunta que a letra carrega, "Resort Paraíso" sugere que o paraíso talvez esteja menos distante do que a gente imagina, desde que se aprenda a estar presente nele.

Formada por Álvaro Duran, Dadá Martins, Bruno Aguiar e Anderson Ávila, a SEMEA segue construindo uma identidade musical que equilibra balanço, melodia e mensagem, enquanto se prepara para o lançamento do seu primeiro álbum completo.

OUÇA 



Flores de Plástico - Lembranças

Flores de Plástico lança "Lembranças" em parceria com The Winter.

Lançado em 20 de março de 2026, "Lembranças" é o novo single da banda Flores de Plástico, construído em colaboração com a DJ The Winter. A faixa indie rock traz uma atmosfera melancólica e cinematográfica, na qual cada imagem da letra funciona como um frame congelado: o cigarro apagado num copo frio, o bilhete que virou silêncio, o Cristo Redentor ao fundo de uma história que desmoronou.

A música habita o espaço entre a saudade e o desencanto, mas sem aquela romantização do fim. O amor que sobrou é algo maior que a simples memória bonita, virou eco, vazio, frustração sem nome. A troca entre os universos de Flores de Plástico e The Winter funcionou muito bem e trouxe uma textura emocional, equilibrada, com identidade artística de ambos.

"Lembranças" foi escrita por Murillo Peres e The Winter.

OUÇA 



Elvis Treze - Etc e Tal

"Etc e Tal" é o novo single de Elvis Treze, canção que cheira a fumaça de fogueira e gosto de vinho barato. Com violão e voz de Elvis Treze e arranjo de gaita de Pithy Cajonero, a faixa é meio blues, meio country, mas sem forçar fronteiras, equilibrando peso e leveza na mesma respiração.

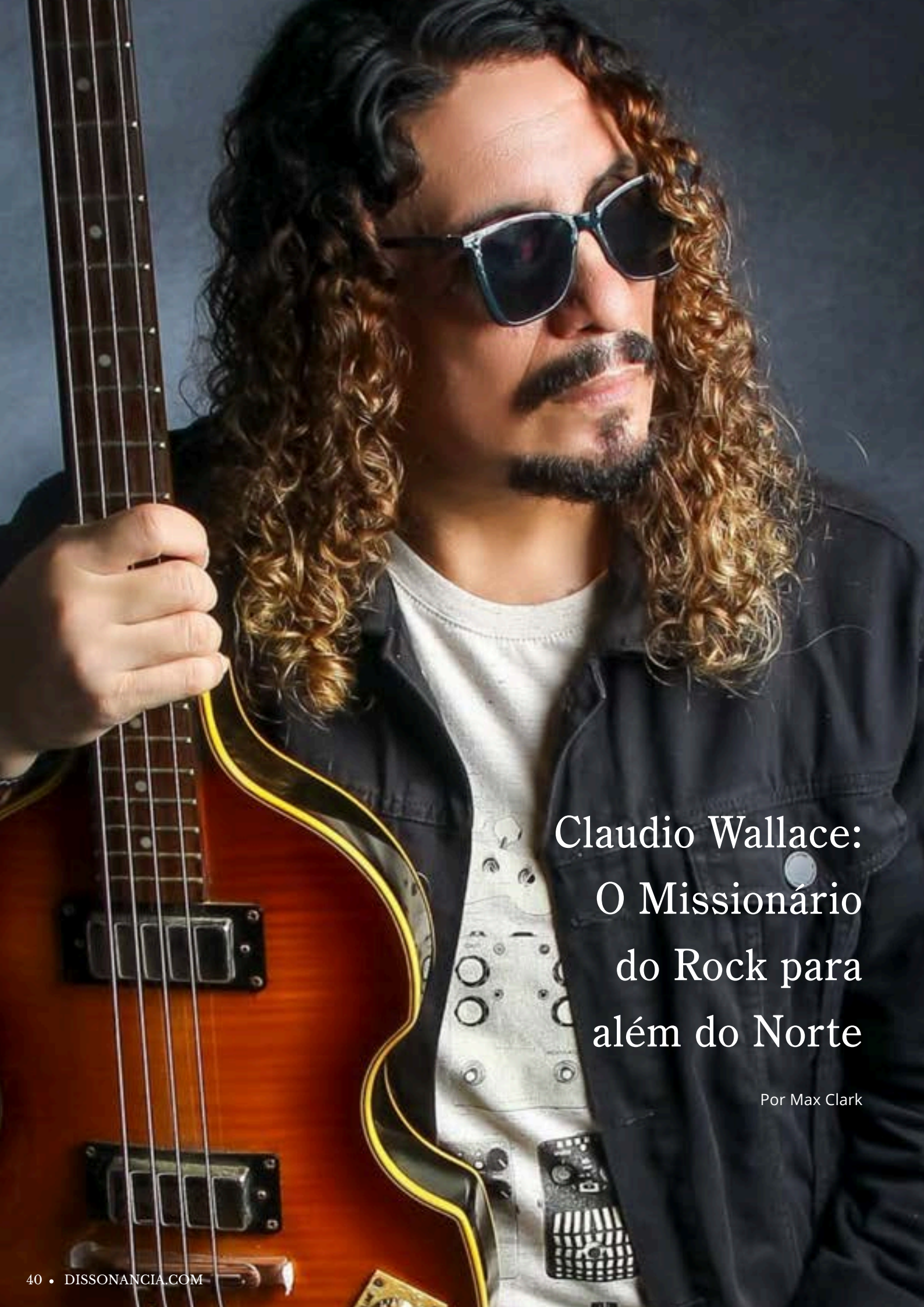
A letra carrega um cinismo afetivo: a ressaca de domingo, a preguiça moral da segunda-feira, o velho ritual de prometer mudança e adiá-la indefinidamente.

"Amanhã, segunda-feira / de novo essa besteira / de mudar de vida etc e tal." Há algo de honesto e quase cômico nessa resignação, e Elvis Treze canta como quem já sabe que ninguém vai mudar nada, e tá de boa com isso.

A gravação é bem underground, precisei ouvir algumas vezes para compreender os trechos iniciais, mesmo assim, a produção sustenta o ambiente com competência. Gravação intimista que me deu vontade de puxar uma cadeira e acomodar ao redor da fogueira.

OUÇA 

RELEASES



Claudio Wallace:
O Missionário
do Rock para
além do Norte

Por Max Clark

Se você fechar os olhos e pensar em Belém do Pará, provavelmente ouvirá o som de um sintetizador de churrascaria fritando um tecnobrega ou a voz da Joelma prometendo que "isso é Calypso". É um ecossistema fascinante, no qual o ritmo é frenético e a coreografia é obrigatória.

No meio desse banquete de batidas eletrônicas e guitarras processadas, surge Claudio Wallace, um sujeito que decidiu que ser roqueiro na Amazônia não era castigo suficiente e resolveu transformar isso em uma missão diplomática inter-regional.



O lançamento mais recente do rapaz, o single "Onze Janelas", chegou em dezembro de 2025 de forma sutil, só observando a Baía do Guajará na mutuca, enquanto o resto da cidade estava ocupado demais tentando não derreter no mormaço.

A música nascida de uma parceria inesperada com o grupo carimbó quilombola Toró do quilombo do Abacatal, é um ponto de repouso na discografia de um homem que já atravessou quatro décadas de estrada, aparentemente, ainda não perdeu o juízo (ou perdendo apenas o necessário para continuar sendo artista independente).



Dênis Rodrigues e Claudio Wallace no Quilombo do Abacatal

Sobre a letra, ela foi escrita por Denis Rodrigues, do grupo de carimbó Toró, que ouviu Wallace tocar e foi pro quilombo compor pensando nele. Quando o resultado chegou ao celular de Wallace, a resposta foi imediata: **"Nós temos um hit nas mãos."** Ele tinha razão.



Sobre a voz, vamos ser francos, como diria minha avó "ele não é nenhum Cassiano". Aqui na Dissonância nós não ignoramos o elefante na sala e gostamos de ser sinceros: Claudio Wallace realmente não é Freddie Mercury. Em algumas passagens, a afinação escorrega, e quem vier esperando um virtuose vai sair confuso (sim, ele desafina aqui e ali, mas quem nunca). Mas há algo curiosamente certo nessa imperfeição. A voz gruda na letra, carrega o peso da canção e não tenta disfarçar nada, senti uma total ausência de Autotune, por isso aceitei a missão de escrever sobre ele, o cara vai na contramão de propósito e o melhor, ele sabe o que tá fazendo, isso é raro. Lembrando que, hoje em dia, qualquer aplicativo do celular corrige até o suspiro entre uma frase e outra.

“Para mim, tocar rock é uma sensação de liberdade e uma forma de expressar meus pensamentos, minhas ideias”



O grande trunfo de Wallace, no entanto, não está apenas nas cordas vocais, mas na sua veia empreendedora. Ele percebeu que, se ficasse esperando o "eixo" olhar para o Norte, acabaria virando peça de museu no Ver-o-Peso. Foi assim que nasceu o projeto "Rock do Norte ao Sul", detalhado em uma conversa exclusiva que tivemos.



A ideia é simples e ambiciosa: criar uma conexão real entre os artistas da Amazônia e o resto do país, começando por uma parceria com o roqueiro paulista Bellini no single **"Do Alto da Minha Torre"**.

Wallace já está há um tempo na estrada, quarenta anos de carreira é um marco considerável. Nos anos 80 montou a banda Aliança Rebelde e saiu rodando a capital paraense com shows em bares, praças e onde pudessem ser ouvidos. O projeto era tão interessante que chegou a ter reportagens em jornais impressos da época. Nos anos 2000, montou a banda Mythus com a mesma pegada e mesma força de vontade.



Mas se antes a luta era ser ouvido dentro do próprio estado, agora o plano é outro: criar pontes. Literalmente.

O Pará fica a 2.500 quilômetros de São Paulo. Passagem aérea é cara. Equipamento é pesado. Hospedagem, cara também. E a indústria cultural brasileira tem um vício crônico de achar que tudo que é bom sai do eixo Rio-São Paulo, como se o resto do país fosse apenas um cenário de filme exótico destinado a fornecer folclore e matéria-prima para documentário da Globo.



Anos 80 - Banda Aliança Rebelde

O projeto "Rock do Norte ao Sul" nasce de um desejo antigo, segundo o próprio Wallace, de **"conectar, de verdade, a cena da Amazônia com o resto do Brasil"**. Não é papo de empolgado da nave, é uma proposta prática: parcerias musicais, composições conjuntas, shows, circulação, troca real entre artistas. Por essa nem o Pop Som e o Dj Dinho e Edielson esperavam (*entendedores entenderão*).

O que o "Rock do Norte ao Sul" representa, no fundo, é uma aposta na ideia de que o rock independente brasileiro fica maior quando o Norte entra na conversa de verdade, e não como exotismo folclórico, mas como proposta sonora contemporânea.

Aos 40 anos de carreira, celebrados em 2026 com shows comemorativos e o merecido "Prêmio TN Brasil TV: Destaques do Pará 2025", Claudio Wallace é mais que um sobrevivente do rock independente, ele é um arquiteto de conexões. O Pará agora tem um embaixador que não usa terno nem pede desculpas por ser de onde é. "O rock na Amazônia existe sim, ele é muito forte, é rock and roll raiz", ele diz isso com bastante convicção, e já provou que está certo, independente do tom da nota, porque rock and roll nunca foi sobre perfeição, foi sobre verdade. E essa, Claudio Wallace tem de sobra.





Claudio Wallace em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Max Clark

Com quase quatro décadas dedicadas ao rock autoral, Claudio Wallace é uma das vozes persistentes da cena independente amazônica. Natural de Belém do Pará, o músico, compositor e produtor construiu uma trajetória que atravessa gerações, da fundação da banda Aliança Rebelde nos anos 1980 até sua fase solo, marcada por lançamentos recentes e pela atuação como comunicador à frente do projeto Rock Made In Amazon. Em 2026, ao celebrar 40 anos de carreira, ele amplia seu alcance com o projeto "Rock do Norte ao Sul", iniciativa que busca conectar artistas de diferentes regiões do país e fortalecer o circuito do rock independente brasileiro.

Dissonância: Claudio, você está lançando o projeto "Rock do Norte ao Sul". Qual foi a principal motivação para criar essa iniciativa de conectar artistas da Amazônia com músicos de outras regiões do Brasil neste momento da sua carreira?

Claudio Wallace: A principal motivação, ela vem de um desejo antigo de ponte cultural, que foi amadurecendo ao longo de quase 40 anos de estrada. Depois de tanto tempo tocando rock autoral no Pará, passando pelos meus projetos, o "Aliança Rebelde" dos anos 80 e "Mitos" de início dos anos 2000, lançando trabalhos solo, como o álbum "Fantástico Mundo do Rock and Roll" e projetos de parceria iniciando com "Onze Janelas", eu sentia que era o momento de dar um passo maior. Então o "Rock do Norte ao Sul", ele nasceu da vontade de conectar, de verdade, a cena da Amazônia com o resto do Brasil, criando parcerias reais, canções inéditas e trocas que mostrem a força e a contemporaneidade do rock que se faz aqui. A Amazônia tem uma vitalidade musical enorme, com identidade própria, mas, muitas vezes, ficamos isolados dos grandes circuitos. Ao mesmo tempo que há artistas incríveis em São Paulo, Rio, Minas e as outras regiões, que também vivem o rock independente com garra. Então o projeto surge exatamente para unir esses mundos, composições em parceria, shows juntos, entrevistas e uma circulação maior da nossa música. A primeira parceria com Bellini, que é lá de São José dos Campos, em São Paulo, que é a canção "Do Alto da Minha Torre", é só o começo. É um bonito encontro entre experiências diferentes, mas com a mesma paixão pelo rock. E, neste momento da carreira, depois de consolidar o programa "Rock Made Amazon", que é o programa que eu divulgo a cena regional, a cena da Amazônia, e o meu selo Walcace Records, eu quis, além da divulgação local, construir pontes concretas. É, sobre visibilidade, respeito mútuo, e mostrar que o rock brasileiro é mais rico e diverso quando o Norte dialoga com o Sul, o Leste com o Oeste, e por aí vai. Não é só lançar uma música, é fortalecer um circuito criativo, mais integrado e vivo. E a recepção em São Paulo, com o show na Casa Lab, e o festival Rock in Lab, com o primeiro show que foi o "Rock Made Amazon invade São Paulo" e o segundo show, o "Festival Rock in Lab", só me confirmou que esse é o caminho certo. Eu tô muito animado com o que vem pela frente.

Dissonância: O que você busca em um artista ou banda de outra região para que ele se torne um parceiro ideal dentro desta proposta de intercâmbio regional?

Claudio Wallace: Com relação as parcerias, eu busco acima de tudo, uma afinidade genuína, respeito mútuo e vontade real de criar junto. O programa não é só sobre fama ou currículo. É sobre química humana e musical. E dentro dos critérios que eu uso para escolher um parceiro ideal no Rock do Norte ao Sul, estão autenticidade e linguagem própria. O artista, ele precisa ter uma assinatura sonora ou poética clara. Eu quero que a parceria destaque o que cada um traz de sua região, sem tentar padronizar o som. A ideia é justamente o contraste enriquecedor. Seria tipo o groove amazônico encontrando o peso paulista, a lírica nordestina, e por aí vai, sempre dialogando os estilos. E também o artista, ele tem que ter um espírito colaborativo, ele tem que gostar de verdade do processo de co-criação. E isso inclui estar aberto a trocar ideias, aceitar sugestões, ceder em alguns pontos e defender aquilo que acredita. O Rock independente, ele vive de atitude, e parceria exige humildade e generosidade. Eu busco quem valorize a cultura do Norte, que respeite a cena amazônica, e que entenda que estamos trazendo não só um artista do Pará, mas toda uma identidade regional forte. Quem chega com preconceito ou visão folclórica não se encaixa no projeto "Rock do Norte ao Sul". No caso também, um artista, ele tem que ter o compromisso com o independente. Eu prefiro artistas que, como eu, vivem o dia a dia do circuito autoral, que fazem shows, produzem, divulgam, e acreditam no boca a boca e na internet. Não procuro salvadores da pátria, mas sim companheiros de estrada, gente que venha realmente pra somar, que tenha pontualidade, seriedade no trabalho, boa energia no palco e fora dele. Isso aí faz toda a diferença. Eu já passei por muitas situações nesses meus 40 anos de carreira, e sei o quanto o clima do projeto influencia o resultado final. E gosto também quando a parceria pode gerar algo maior que uma música, um show, um vídeo, um videoclipe, entrevistas cruzadas, quem sabe até um mini tour, ou um festival futuro. Na verdade, no fundo, o parceiro ideal é aquele que vê o "Rock do Norte ao Sul" como uma via de mão dupla. Ele ganha a visibilidade da Amazônia, e nós ganhamos a força da cena dele. É sobre somar talentos, ampliar

públicos e fortalecer o Rock Brasileiro como um todo, sem hierarquia de regiões. E com o Bellini deu muito certo porque ele tem essa cabeça aberta, uma experiência sólida e respeito pelo que estamos construindo aqui. E é exatamente esse perfil que eu quero replicar nas próximas parcerias. Então, a gente continua procurando artistas ou bandas que queiram, que se identifiquem com o projeto, podem mandar seu material. A porta, ela está aberta para quem realmente quer se conectar, quer fazer parte do Rock do Norte ao Sul.

Dissonância: Você é um grande defensor do espaço para o rock nas rádios. De que forma sua experiência como radialista e o programa "Rock Made in Amazon" auxiliam na logística e na divulgação dessa rede nacional de artistas independentes?

Claudio Wallace: Com relação ao papel da mídia, das rádios, sim, é verdade. Eu sou um defensor ferrenho do espaço para o rock nas rádios, especialmente o rock autoral independente, que muitas vezes ele é deixado de lado na rádio comercial. A minha experiência como radialista é uma das principais ferramentas do "Rock do Norte ao Sul". O Rock do Norte ao Sul, junto com o programa "Rock Made Amazon", eles vão ajudar na divulgação integrada. O programa Rock Made Amazon, que já roda em várias web rádios e rádios de todo o Brasil e exterior, onde eu apresento ao vivo na Omnia FM, da região metropolitana, localizada em Marituba, município da região metropolitana aqui da nossa capital. Todos os sábados estou ao vivo lá recebendo artistas. Essas entrevistas vão para as plataformas, vão para o canal do YouTube. Então, isso tudo vai ser um dos principais canais de divulgação do projeto. Nós vamos tocar as faixas, as parcerias, fazer entrevistas com os artistas convidados, contar os bastidores das composições e mostrar o processo de conexão norte-sul. A rede nacional e internacional, ela existe. Nós já temos contatos consolidados com rádios de várias regiões do Brasil, de exterior. Chile, Uruguai, Argentina, Estados Unidos, Espanha. A ideia é usar essa malha existente para que as novas músicas e os artistas parceiros sejam ouvidos em São Paulo, Rio Sul, Nordeste, Centro-Oeste, exterior. É uma logística que já existe, mas que agora vai servir de ponte para os parceiros. E assim como eu fiz com o Bellini, em São Paulo, nós faremos as entrevistas

cruzadas. Eu fui na rádio Rock News falar sobre o projeto, falar sobre o Rock Made Amazon, falar sobre lançamento. E a gente vai repetir esse modelo depois. O Bellini estava lá conosco na rádio, sendo entrevistado, falando sobre o projeto, sobre a criação do projeto, ou seja, unindo as parcerias, fazendo as referências cruzadas e assim a gente vai aumentando a força ainda mais do projeto que conecta o rock do norte ao sul. Isso cria conteúdo orgânico e genuíno, além de fortalecer a visibilidade mútua. E existe também a questão dos formatos multiplataformas, porque além da rádio tradicional e das web rádios, todo esse material, ele irá, as entrevistas, lives, make-off, eles serão utilizados, replicados no meu canal do YouTube, Cláudio Wallace, nas redes sociais, Instagram, Facebook, tanto minha rede, Cláudio Wallace, como da nossa produtora Débora Borba, como Rock Made Amazon, como do Rock do Norte ao Sul. Então, a gente vai ali unindo forças no formato multiplataforma. O rádio, ele continua sendo o coração, mas assim a gente está amplificando juntos com o digital. E nas rádios parceiras, a gente prioriza tocar o projeto completo, não só o single, mas falar sobre a proposta cultural. Isso ajuda a sensibilizar outros radialistas e programadores a darem mais espaço para o rock autoral brasileiro. Assim, a minha visão é que o rádio ainda é um dos mais democráticos e potentes meios de comunicação, que chega ao público e, principalmente, o público que ama o rock de verdade. Por isso, o Rock do Norte ao Sul não é só um projeto de lançamentos, ele também é uma estratégia de ocupação de espaços. Quanto mais rádios, podcasts e programas independentes aderirem, mais forte fica a rede. Nós queremos transformar cada parceria em um evento cultural que circule, música nova, mais entrevistas, mais possível show. Isso vai criar um ciclo virtuoso de produção, divulgação e apresentação ao vivo. Eu aproveito para convidar você aí, que é radialista ou que tem um programa de rock e que quer entrar nessa rede, entre em contato com a gente, o contato está aberto. Vamos juntos fortalecer o rock brasileiro, de verdade, do norte ao sul.

Dissonância: Em 2026, você celebra quatro décadas de trajetória. Como o "Rock do Norte ao Sul" reflete o amadurecimento do jovem músico que começou na banda Aliança Rebelde em 1987?

Claudio Wallace: Falar da celebração dos meus 40 anos de carreira de estrada é uma pergunta que toca o coração. Sim, em 2026 completo 40 anos de estrada no rock. Desde que comecei com a "Aliança Rebelde" lá em 87. Naquela época eu era um jovem cheio de energia, revolta e vontade de botar pra fora tudo que a Amazônia e a vida me provocavam. O rock era meu instrumento de protesto, de descoberta e de afirmação. Tocávamos com garra na garagem, em bares, onde desse, sem estrutura, mas com muita verdade, muita vontade. E eu vejo assim, o Rock do Norte ao Sul, ele é de certa forma a versão madura daquele jovem de 87. Esse projeto, ele reflete todo esse amadurecimento. Antes a energia era mais nós contra o mundo. Hoje eu continuo com a mesma intensidade, mas eu aprendi que conectar é mais poderoso que confrontar. O projeto é exatamente isso, é estender a mão para artistas de outras regiões, criar em conjunto e mostrar que o rock brasileiro, ele fica mais forte quando o norte conversa com o sul e vice-versa. Na Aliança Rebelde nos primeiros anos, a luta era ser ouvido dentro do Pará. Depois veio o Mythus, em 2000, e depois disso minha carreira solo e o programa Rock Made in Amazon. O rock do norte ao sul, ele é o resultado lógico de toda essa trajetória. Agora, eu quero levar a cena amazônica para o Brasil inteiro e trazer o Brasil para dentro da nossa música. Então, isso tem uma urgência de construção. O jovem Cláudio queria tocar e ser ouvido imediatamente. O Cláudio de hoje entende que construir algo duradouro exige paciência, estratégia e parcerias. Lançar singles inéditos com artistas de outras regiões, planejar shows, entrevistas e uma rede de divulgação é fruto dessa maturidade. Na verdade o que não mudou dentro de mim, foi o amor pelo rock autoral, a vontade de falar de temas reais, seja falar sobre a vida, lutas, liberdade, sentimentos e, claro, a fidelidade à Amazônia. O projeto carrega a mesma alma do rock dos anos 80, mas com a produção, a visão e os recursos que 40 anos de experiência trouxeram para a minha vida. Esse projeto é a minha forma de celebrar essas quatro décadas, não olhando só para trás, mas projetando o futuro. É uma declaração de que o rock paraense e amazônico não é um capítulo fechado da minha história, mas uma força viva que continua se expandindo, expandindo e se conectando. É como se o garoto da Aliança Rebelde tivesse viajado pelo Brasil todo e agora estivesse dizendo,

"Ei, cara, ei, venham pra cá, vamos fazer som juntos." E é exatamente isso que estamos fazendo. 2026 está sendo o ano simbólico, celebrar o passado, viver o presente com intensidade, replantar sementes para o futuro do nosso rock. Eu fico muito feliz pelas pessoas que acompanham a minha trajetória e o rock continua sendo a minha vida. Yeah!

Dissonância: Você costuma citar que o rock na Amazônia é "onda verde" e pura resistência. Quais os maiores desafios de fazer essa música circular em um país de dimensões continentais e com centros musicais tão distantes?

Claudio Wallace: Desafios do rock autoral. Sim, eu sempre digo que o rock na Amazônia é onda verde e pura resistência. Isso não é romantismo, é uma realidade vivida na pele durante 40 anos. Eu vejo, assim, como os maiores desafios de fazer a nossa música circular pelo Brasil, que é contínuo, é justamente, a distância geográfica e logística é muito cara. O Pará fica a 2.500 de São Paulo e mais ainda distante do Sul. Levar uma banda completa para tocar fora custa caro, entre passagens aéreas, transporte de equipamentos, hospedagem. Muitos artistas independentes, simplesmente, não conseguem bancar isso com frequência, e isso cria um isolamento natural. A grande mídia, gravadoras, festivais de grande porte, circuitos pagos, ainda estão muito concentrados no eixo Rio-São Paulo. O rock autoral do Norte, raramente entra nas playlists das grandes rádios comerciais ou nas curadorias de grandes festivais. Você compete com o mainstream e com a cena do Sudeste, que tem mais visibilidade e estrutura. Existem poucos festivais e casas de shows que priorizam a troca real entre regiões. Muitos eventos são fechados ou focam apenas na cena local. Por isso a importância de projetos como o Rock do Norte ao Sul. Criar pontes concretas, não apenas desejar que elas existam. Na Amazônia, o apoio cultural existe, sim, mas ele é mais voltado para outros segmentos. Para o rock autoral, a gente sobrevive basicamente de shows pequenos, vendas de merchandise, plataformas digitais, e muito, muito suor. A burocracia para editar também é um complicador, e ainda existe a ideia de que rock bom só vem do Sul, do Sudeste, ou que a Amazônia só produz carimbó, tecnobrega, guitarrada ou MPB. Quebrar esse estereótipo exige insistência diária, nas entrevistas, nas parcerias, nos lançamentos. É difícil viver só de

música no interior da Amazônia. Muitos talentosos acabam desistindo ou reduzindo o ritmo por necessidade financeira. Manter a chama acesa por décadas exige paixão quase que irracional, e o Rock do Norte ao Sul, ele nasce exatamente como resposta prática a esses desafios. Em vez de reclamar da distância, estamos criando conexões diretas, composições conjuntas, lançamentos simultâneos, shows compartilhados, entrevistas cruzadas, e uso inteligente das rádios e do digital. A internet ajudou muito, sim, mas ela sozinha não resolve. É preciso corpo a corpo cultural, o artista do Norte no palco com o artista do Sul, histórias sendo trocadas, públicos se misturando. O rock amazônico sempre foi resistência. Hoje queremos transformar essa resistência em construção de rede. Não é mais só sobreviver, é crescer, circular e ser respeitado em todo o território nacional. O Brasil, ele é continental, mas a música não precisa respeitar essa distância toda. Com garra, estratégia e parcerias certas, a onda verde pode chegar forte em qualquer canto do país.

Dissonância: O projeto também envolve o seu selo musical, o Wallace Records. Como essa estrutura independente pretende dar suporte não apenas à sua carreira, mas também aos parceiros desse projeto?

Claudio Wallace: O Selo Wallace Records, ele vai atuar como uma estrutura independente, fundamental no projeto Rock Made Amazon e no projeto Rock do Norte ao Sul, focando no suporte colaborativo e na profissionalização de artistas do underground, especialmente na cena paraense amazônica. O suporte aos parceiros, ele vai acontecer de diversas frentes, com produção em lançamento, é, vamos nos organizar para viabilizar gravações, produções fonográficas, o lançamento de singles, é esse álbum de artistas. Nós já estamos já começando a trabalhar o nosso catálogo. Então, o Wallace Records, ele vai atuar como uma ponte cultural, né, focando em bandas autorais que muitas vezes não teriam espaço na grande mídia, e oferecendo visibilidade através do portal Rock Made Amazon e do programa Papo de Rock, onde entrevisto artistas, enfim, a gente vai usar todo o nosso suporte digital para divulgar esses artistas. E o selo também atua na conexão de artistas locais com o cenário de outros estados, trabalhando junto com o Rock do Norte ao Sul. O selo, ele

ele fomenta a valorização de artistas independentes. Então, eu creio que o selo, sendo gerido por um artista como eu, com décadas de estrada, ele vai também ajudar a orientar os parceiros sobre direitos autorais, registrando suas obras, fonogramas, fazendo os artistas se associarem as associações, né, que protegem os direitos autorais. Isso tudo, a Wallace Records vai trabalhar para ajudar os artistas independentes do rock brasileiro, principalmente da cena amazônica. Então, ele vai funcionar como um catalisador para o rock autoral e amazônico, oferecendo uma estrutura que prioriza a liberdade criativa e a união de forças, funcionando como uma alternativa à gravadora tradicional.

Dissonância: Como você enxerga o impacto de projetos de conexão regional como este para o fortalecimento do rock independente brasileiro a longo prazo? Como você espera que o rock independente esteja na próxima década?

Claudio Wallace: O futuro da cena eu enxergo que projetos de conexões, projetos que façam conexão regional, como o rock do Norte ao Sul, eles atuam para o fortalecimento do rock independente brasileiro. A conexão regional, elas são fundamentais para que esse fortalecimento ocorra a longo prazo, porque eles vão quebrando a hegemonia dos grandes centros, que eu vou dar como exemplo aqui o eixo Rio-São Paulo, e criam uma rede autossustentável de circulação. Ao mapear e conectar bandas, técnicos, festivais de diferentes regiões, a gente vai transformando o underground de um espaço isolado em um circuito nacional orgânico, capaz de valorizar a identidade local, ao mesmo tempo em que fortalece o cenário nacional. O rock brasileiro trabalhando dessa forma, ele vai deixar de depender apenas das rádios ou grandes gravadoras. A produção independente, ela pode se consolidar através de selos e festivais itinerantes, como é o caso dos programas Rock Made Amazon, ou o projeto Rock do Norte ao Sul, trabalhando a divulgação desses artistas e mostrando para todo o Brasil o exterior. Com a identidade regionalizada, a gente pode esperar um rock mais diverso, que mistura peso de guitarra com os ritmos regionais, desafiando os estereótipos que nós somos, né, bombardeados todos os dias pelos grandes centros de gravadoras. E o uso das novas mídias especializadas e plataforma digital, será a principal forma de

consumo, com os fãs consumindo rock através de festivais focados em experiências. O rock independente, ele continuará sendo um ato de resistência, com letras engajadas e atitude, sobrevivendo em um cenário musical pop, eletrônico, rock and roll. Então, os projetos de conexão regional, torna a dizer, eles vão unir artistas e técnicos, ajudarão a criar normas, técnicas de produção, elevando a qualidade dos shows e facilitando a captação de recursos. Eu acredito que a próxima década do rock brasileiro independente, será pautada pela autenticidade regional, conectada em rede, garantida a sobrevivência e a renovação do gênero, com voz própria. E juntos aqui a gente está fazendo a nossa parte, com o Rock Made Amazon e o rock do Norte ao Sul.

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA



[CLIQUE AQUI](#)

DISSONÂNCIA
a maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

RAIO-X DO ÁLBUM
Cada faixa explicada. A obra compreendida

Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.

Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura curatorial.

Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da Dissonância.

ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP

(021) 96736-6260

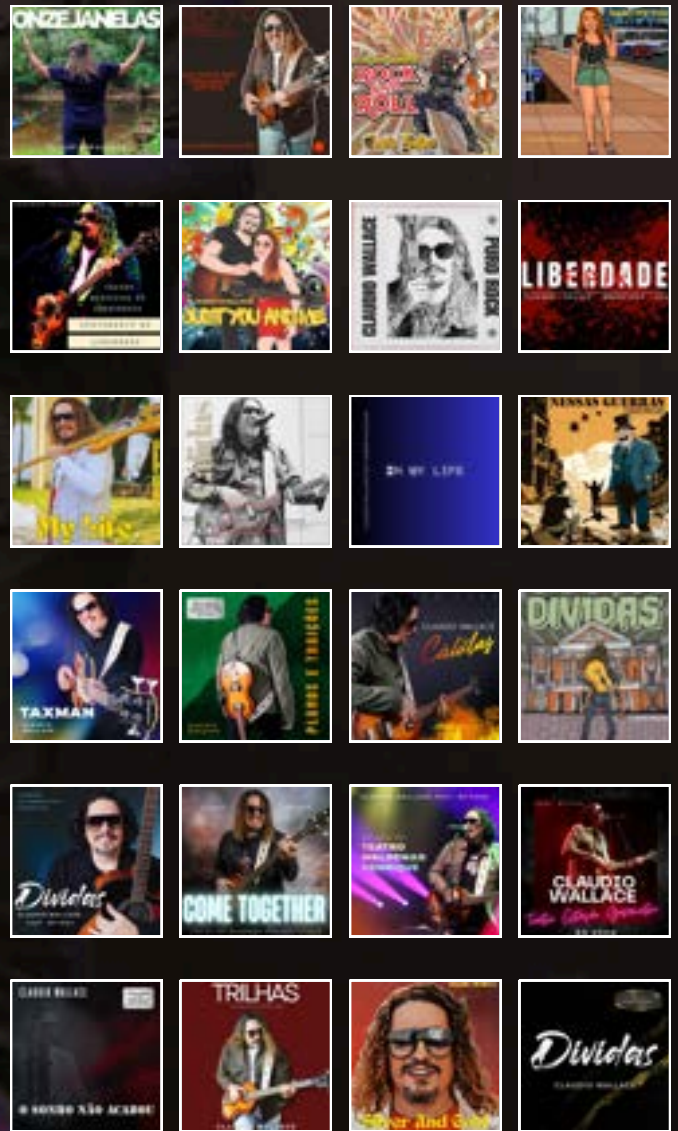
PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

CLAUDIO WALLACE

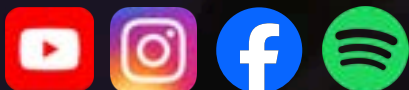
Claudio Wallace Mendes Pereira, conhecido artisticamente como Claudio Wallace, é um dos nomes de referência do rock autoral na Amazônia. Natural de Belém do Pará, construiu uma trajetória que atravessa quase quatro décadas, iniciada ainda nos anos 1980 com a banda Aliança Rebelde, marco inicial de sua atuação na cena independente local. Baixista de origem, também atua como cantor e compositor, explorando sonoridades do rock clássico e oitentista, sempre com identidade regional.

Nos anos 2000, fundou a banda Mythus, com a qual lançou trabalhos de estúdio e ao vivo. Após um período de hiato, retomou a carreira solo em 2019, ampliando sua produção e presença nas plataformas digitais. Entre seus trabalhos recentes estão os álbuns "Puro Rock" (2024) e "O Fantástico Mundo do Rock and Roll" (2025), além do single "Onze Janelas".

Em 2026, ao completar 40 anos de carreira, lançou o projeto "Rock do Norte ao Sul", iniciativa que conecta artistas de diferentes regiões do país, consolidando seu papel como articulador da cena independente brasileira.



REDES SOCIAIS



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DO
CLAUDIO WALLACE NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

Onde o Tempo Não Alcança

Um conto de Val Porto

A história de Dona Quitéria pode até parecer banal, mas há um detalhe que a torna interessante, talvez até especial e inspiradora.

30 anos? 70 ou um pouco mais? Quem sabe?

Dona Quitéria poderia ser apenas mais uma pessoa comum, mas há algo em sua alma que provoca reflexão: será que ela vive no tempo da idade cronológica? Com certeza, não.

Dona Quitéria é daquelas que, às vezes, choram sozinhas, em um silêncio que corta a alma. Mas, no momento seguinte, muda a direção do olhar. Onde antes via nuvens escuras, passa a enxergar um sol brilhante, aquecendo o coração e lembrando, mais uma vez, que amanhã é outro dia, e tudo pode acontecer.

Com um olhar cheio de esperança, ela sorri, tímida, e segue sua caminhada.

Então surge a pergunta: viver com 30 ou com 70?

Vamos definir.

Setenta ou mais é a idade cronológica. Mas 30 é a idade do raciocínio, da mente, do coração, da alma inquieta. É a idade da vida que escolhe continuar viva.

Foi aos 70 que Dona Quitéria começou novos sonhos. Escreveu poemas, desejou compor músicas e, para surpresa de muitos, conseguiu.

Porque sonhos não envelhecem. Não morrem. Quando se sonha, renasce todos os dias. Sonhar aos 70 ou aos 30 é sempre possível.

O passado torna-se lição. O presente, escolha. E viver passa a ser um exercício de sabedoria, respeito e amor. Um coração limpo, pensamentos firmes, mesmo quando a tristeza insiste.

Porque a vida ensina. E o tempo, inevitavelmente, cura.

Dona Quitéria é mulher de fibra. Caiu muitas vezes, mas sempre se levantou e recomeçou, porque desistir nunca foi uma opção.

Essa é Dona Quitéria.

E, no fim, resta a pergunta:
Quem sou eu?

ESTAR NA DISSONÂNCIA NÃO É SORTE É CONSEQUÊNCIA

A próxima capa pode ser a sua

